

TROTSKY E O TROTSKISMO



Edições NOVA CULTURA

Proletários de todo o mundo, uni-vos!



Lenin/Stalin

Trotsky e o Trotskysmo

Edições Nova Cultura

2ª edição

2018

© 2018 - NOVACULTURA.info

Autorizamos que o conteúdo deste livro seja utilizado ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja impresso, digital, áudio ou visual por movimentos de massas, organizações, sindicatos, associações, etc.

Edições NOVA CULTURA

www.novacultura.info/selo



O selo *Edições Nova Cultura* foi criado em julho de 2015, por iniciativa dos militantes da **UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA**, com o objetivo de promover e divulgar o marxismo-leninismo.

Trotsky e o Trotskysmo. 2ª Edição. 2018.

Conselho Editorial: União Reconstrução Comunista

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA *CREATIVE COMMONS*

Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil.

É permitido:

– Copiar, distribuir, exibir e executar a obra – criar obras derivadas



Sob as seguintes condições:

ATRIBUIÇÃO: Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante; **USO NÃO COMERCIAL:** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais; **COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA:** Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

– Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outro, os termos da licença desta obra.

Os velhos militantes marxistas russos conhecem Trotsky e é inútil falar-lhes dele... Mas a jovem geração operária não o conhece e é necessário falar-lhe dele... É preciso que a jovem geração saiba com quem tem de se haver quando certas pessoas erguem pretensões inacreditáveis...

V. I. LENIN

ÍNDICE

Apresentação 13

SOBRE A CONCEPÇÃO DO PARTIDO DO PROLETARIADO

Os Estatutos e o Oportunismo 20

SOBRE O CARÁTER DA REVOLUÇÃO RUSSA

Três erros de Trotsky 24

Duas vias da Revolução 26

A Teoria da “Revolução Permanente” e o Leninismo 28

TROTSKY, LIQUIDADADOR DO PARTIDO DO PROLETARIADO

A crise de unificação do nosso Partido 43

A Política de Aventuras e de Cisão de Trotsky 48

Sentido Histórico da luta no interior do Partido 52

Extrato de uma resolução do 2.º “Grupo Parisiense do POSDR” 58

A todas as organizações, grupos, círculos do Partido Socialdemocrata
..... 59

Nota da Redação sobre a correspondência de São Petersburgo 60

A nova fração dos Conciliadores ou os Virtuosos 61

A Diplomacia de Trotsky e a plataforma dos “Partiitsi” 62

Os liquidacionistas contra o Partido 64

A Desagregação do Bloco de Agosto 66

A violação da unidade ao grito de “Viva a Unidade!” 67

TROTSKY E A GUERRA

O Kautskismo	69
Sobre o derrotismo durante a Guerra Imperialista	70
Os objetivos da oposição na França	72

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

A Crise está madura	73
Contra o retardamento	75

A PAZ DE BREST-LITOVSK

A falsa tática de Trotsky	78
---------------------------------	----

TROTSKY E OS SINDICATOS

Sobre os sindicatos, o momento presente e o erro do camarada Trotsky	80
--	----

TROTSKY E O LENINISMO

Carta a Tchkeidzé	87
Carta M. Olmiski	89

A OPOSIÇÃO TROTSKY-ZINOVIEV

As divergências fundamentais entre o Partido e a Oposição	97
As razões da exclusão de Trotsky do Partido	102
A atividade Contrarrevolucionária da Oposição	103
A essência do Trotskismo	104
O que é o Trotskismo	107
O que os Trotskistas preparavam aos operários	109
O Trotskismo atual	117

Apresentação

O selo Edições Nova Cultura, criado pela União Reconstrução Comunista, resgatou o projeto editorial francês, que intentava dar um primeiro parâmetro, ao selecionar textos e documentos de Lenin e Stalin (e do próprio Trotsky) sobre as discrepâncias entre as concepções marxista-leninistas e as do oportunismo sobre diversos aspectos do processo de luta dos revolucionários russos. A obra “Trotsky e o trotskismo” assim, cumpre um papel introdutório para todos aqueles que se interessam em conhecer tal debate, que sempre foi alimentado nas fileiras da esquerda brasileira, especialmente a partir dos anos 70, com as derrotas sofridas pelo movimento comunista brasileiro e o avanço do revisionismo.

A coletânea de textos e documentos que trazem as precisas impugnações de Lenin aos ziguezagues, malabarismos e oscilações ideológicas de Trotsky que se manifestaram em sua atuação no P.O.S.D.R. Lenin, com sua precisão habitual, aponta todos os problemas nas posições defendidas por Trotsky em diversos aspectos, desde a concepção do partido, o caráter da revolução até sua atuação fracionista no seio do P.O.S.D.R. As intervenções de Lenin demonstram o princípio do marxismo-leninismo da necessária e decisiva luta contra o oportunismo e a influência da ideologia burguesa. É nesse aspecto que se dá a relevância da obra. Contudo, de modo algum os textos esgotam a totalidade da discrepância existente entre a teoria leninista e a teoria trotskista.

Nesta edição, limitamo-nos a trazer ao público as postulações de Lenin e Stalin contra principais teses defendidas

por Trotsky como opositor direto do bolchevismo, como contrarrevolucionário e, por fim, seu ocaso com a colaboração direta com o fascismo.

Os escritos de Trotsky – e do movimento trotskista – costumam caracterizar Stalin, como um dirigente capitulacionista, que teria criado a teoria do socialismo em um só país em oposição a Lenin e a Trotsky, mas, contudo, a obra agora publicado também contribui para a elucidação dessa falsa dicotomia criada. Basta consultar alguns trabalhos de Lenin para compreender a falsidade dessa acusação: “Os Estados Unidos do mundo (e não da Europa) são a forma estatal de unificação e de liberdade das nações, que nós relacionamos com o socialismo – enquanto a vitória completa do comunismo não conduzir ao desaparecimento definitivo de todo o Estado, incluindo o democrático. Como palavra de ordem independente, a palavra de ordem dos Estados Unidos do mundo, todavia, dificilmente seria justa, em primeiro lugar porque ela se funde com o socialismo; em segundo lugar, porque poderia dar lugar à falsa interpretação da impossibilidade da vitória do socialismo em um só país e das relações deste país com os outros. A desigualdade do desenvolvimento econômico e político é uma lei absoluta do capitalismo. Daí decorre que é possível a vitória do socialismo primeiramente em poucos países ou mesmo num só país capitalista tomado por separado”.¹ Ou ainda, “o desenvolvimento do capitalismo realiza-se de modo extremamente desigual nos diferentes países. Nem pode ser de outra forma na produção mercantil. Daí decorre a indiscutível conclusão de que o socialismo não pode vencer simultaneamente em todos os países. Ele vencerá

1. V. I. Lenin, “Sobre a Palavra de Ordem dos Estados Unidos da Europa”.

inicialmente num só ou em vários países, continuando os restantes a ser, durante certo tempo, burgueses ou pré-burgueses. Isto deverá provocar não apenas atritos, mas também a tendência direta da burguesia dos outros países para derrotar o proletariado vitorioso do Estado socialista. Em tais casos a guerra seria da nossa parte legítima e justa. Seria uma guerra pelo socialismo, pela libertação de outros povos da burguesia. Engels tinha inteira razão quando, na sua carta a Kautsky de 12 de setembro de 1882, reconhecia expressamente a possibilidade de 'guerras defensivas' do socialismo já vitorioso. Ele tinha em vista, precisamente, a defesa do proletariado vitorioso contra a burguesia dos outros países".²

Eis um exemplo de como a obra "Trotsky e o trotskismo" oferece ao público brasileiro algumas indicações de como se deu o debate em torno de questões fundamentais da Revolução Russa e as referências para o aprofundamento do estudo sobre esta fundamental experiência.

Após a morte de Lenin, os ataques de Trotsky passam a se concentrar sobre a direção de J. V. Stalin no Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética. Se intensifica, assim, um processo que desembocará com a passagem de Trotsky à contrarrevolução aberta.

Em 1927, Trotsky é finalmente expulso da URSS. E sua insistente difamação à imagem de Stalin e ao leninismo, passam a ser usadas aos principais inimigos da URSS e da revolução proletária, o fascismo. Como Joseph Goebbels, destacado dirigente do III Reich, registra acerca da propaganda antissoviética nazista: "nosso transmissor de rádio clandestino (...) opera em nome de Trotsky e dá o que fazer a Stalin".

2. V. I. Lenin, "O Programa Militar da Revolução Proletária".

Nadezhda Krupskaya, em célebre texto sobre a vergonhosa atuação deste personagem, resume a situação: “não é por acaso que Trotsky, que nunca compreendeu o que faz a própria essência da ditadura do proletariado, que nunca compreendeu o papel que desempenham as massas populares na construção do socialismo e que acreditava que o socialismo pode ser edificado com ordens vindas de cima, comprometeu-se na via da organização de atentados terroristas contra Stalin, Vorochilov e outros membros do Bureau Político que ajudam as massas a edificar o socialismo. Não é por acaso que o bloco sem princípios que Zinoviev e Kamenev tinham formado com Trotsky os empurrou, gradualmente, para o abismo profundo da pior das traições à causa de Lenin, à causa das massas trabalhadoras, à causa do socialismo, Trotsky, Zinoviev, Kamenev e todo o seu bando de assassinos agiram de acordo com o fascismo alemão, concluíram uma aliança com a Gestapo. Eis porque o país foi tão unânime em reclamar que estes cães danados fossem fuzilados.”³

Em suma, tema importante para a compreensão do desenvolvimento do oportunismo no seio da Revolução Russa desde seus primeiros momentos, acreditamos com essa primeira obra poder dar uma contribuição para o estudo e a compreensão do real papel do trotskismo não apenas naquela primeira década da construção do socialismo na URSS, mas como também no seu desenvolvimento ulterior, impulsionado pela ascensão do revisionismo pós-XX Congresso e pela propaganda anticomunista municiado pelo imperialismo.

UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA

3. N. Krupskaya, “Porque é que a II Internacional Defende Trotsky”.

TROTSKY E O TROTSKISMO

SOBRE A CONCEPÇÃO DO PARTIDO DO PROLETARIADO

A discussão dos Estatutos do Partido no II Congresso do POSDR, Londres 1903

A atividade política de Trotsky remonta aos últimos anos do século passado. Mas apenas em 1902 teve encontro pessoal com Lenin, em Londres. Este último tentou utilizar Trotsky, como o fazia com todos os jovens militantes, no interesse do movimento revolucionário. Foi assim que o fez colaborar durante algum tempo na *Iskra*, Órgão Central do Partido, então sob a direção de um comitê de redação que compreendia, além de Lenin, Plekhanov, Axelrod, Potressov e Vera Zasulich.

Quando, no II Congresso do POSDR (Londres, 1903), rebentaram as primeiras divergências profundas entre os sociais-democratas revolucionários bolcheviques e os oportunistas mencheviques sobre a questão dos estatutos do Partido, que deviam no fundo definir a verdadeira natureza do Partido do proletariado, Trotsky enfileirou no campo dos oportunistas de direita.

Enquanto Lenin propunha um projeto de programa do Partido que punha à frente, fato único na II Internacional, a palavra de ordem da ditadura do proletariado, Trotsky pronunciou-se contra Lenin e defendeu tese segundo a qual a ditadura do proletariado só era possível no dia em que a classe operária e o Partido “se tivessem tornado quase, idênticos”, em que o proletariado constituísse a maioria da população e os socialistas pudessem conquistar pacificamente a maioria parlamentar.

Os estatutos propostos por Lenin tinham por objetivo criar um Partido de um tipo novo, homogêneo e combativo. Para se ser nele admitido, não bastava, de forma alguma, aceitar o seu programa e pagar as quotas, mas, e sobretudo, militar na prática numa das organizações de base. Foi contra este último ponto, que fechava a porta do Partido aos elementos hesitantes, pouco firmes, que se levantaram todos os oportunistas, entre os quais, Trotsky. Na passagem a seguir, Lenin refuta certos argumentos de Trotsky, mostra a sua debilidade e o seu carácter anti-marxista. Trotsky tinha declarado nomeadamente: “Não sabia que era possível combater o oportunismo por meio de estatutos... Não atribuo aos estatutos uma importância mística!”



Os Estatutos e o Oportunismo

Entre estas considerações destinadas a justificar a fórmula de Martov⁴, é preciso destacar a frase em que Trotsky declara que o oportunismo tem causas muito mais complexas (ou muito mais profundas) do que este ou aquele ponto dos estatutos, que deriva da diferença de desenvolvimento da democracia burguesa e do proletariado. Não se trata de saber se os pontos dos estatutos podem criar o oportunismo, trata-se de forjar, com estes pontos, uma arma mais ou menos eficaz contra o oportunismo. Quanto mais profundas forem as causas do oportunismo, tanto mais cortante deve ser esta arma.

4. Os estatutos da Martov (menchevique), que apenas pediam aos aderentes o reconhecimento do programa do Partido, o seu apoio financeiro, abriam a porta do Partido a todos os elementos instáveis, não proletários, propensos ao oportunismo [Nota da Edição Francesa].

É por isso que justificar pelas causas profundas do oportunismo a fórmula que lhe abre a porta, é simplesmente pôr-se do lado dos “seguidistas”. Quando Trotsky estava contra Liber, compreendia que os estatutos são como a “desconfiança organizada” da vanguarda contra a retaguarda; mas quando se viu do lado de Liber, esqueceu as suas declarações e pôs-se a justificar por “razões complexas”, pelo nível de desenvolvimento do proletariado, o fato desta desconfiança estar entre nós fracamente organizada.

Eis ainda outro argumento de Trotsky: É muito mais fácil para os Jovens intelectuais organizados de uma ou de outra forma inscreverem-se nas listas do Partido.

De fato, e é justamente por isso, que esta fórmula, em virtude da qual elementos não organizados se declaram membros do Partido, está impregnada de amorfismo intelectualista, contrariamente à minha que recusa a esses elementos o direito de “se inscrever nas listas do Partido”.

Trotsky diz que se o CC “não reconhece” as organizações dos oportunistas, é apenas devido ao carácter das pessoas, mas que sendo estas pessoas conhecidas como individualidades políticas, deixam de ser perigosas e podem ser eliminadas pelo boicote do Partido. Isto não é verdade senão para os casos em que é preciso eliminar do Partido (e ainda neste caso é apenas meia verdade, porque um partido organizado elimina por um voto e não pelo boicote). Mas isso é completamente falso para os casos muito mais frequentes em que seria estúpido eliminar e é necessário apenas controlar. Em certas condições, o CC pode incluir intencionalmente no Partido uma organização não completamente segura, mas capaz de trabalhar, para experimentá-la, para tentar dirigi-la no bom caminho, para paralisar os seus desvios parciais, etc. Uma tal admissão não é perigosa, desde que não se permita

às organizações “inscreverem-se” elas próprias “nas listas do Partido”. Muitas vezes, será mesmo útil para o esclarecimento de pontos de vista errados ou de uma tática falsa.

Mas se as normas jurídicas devem corresponder às relações reais, a fórmula de Lenin deve ser rejeitada, declara mais à frente Trotsky. Aí também, ele fala como oportunista. As relações reais não são imutáveis; vivem e desenvolvem-se. As normas jurídicas podem corresponder ao desenvolvimento progressivo destas relações, mas podem também (se forem más) corresponder a uma regressão ou a uma paragem no desenvolvimento. Este último caso é o de Martov.

Maio de 1904

V. I. Lenin: *“Um passo em frente, dois passos atrás”*
Obras completas. tomo VI, pp. 216-217, ed. r.

SOBRE O CARÁTER DA REVOLUÇÃO RUSSA

**A teoria da “Revolução Permanente”.
Atitude face ao campesinato. A vitória do
Socialismo em um só país.**

Pouco tempo depois do II Congresso, travou-se uma luta encarniçada entre o bolchevismo e o menchevismo. Na sua brochura *Um passo em frente, dois passos atrás*, Lenin explica que o proletariado deverá exercer a hegemonia na próxima revolução russa. Trotsky, que escreve nesta altura a sua brochura *As nossas tarefas políticas*, torna-se o porta-voz dos inimigos mais encarniçados de Lenine no campo menchevique. Imediatamente após o congresso em que se efetuou a cisão do POSDR em bolcheviques e mencheviques, os adversários de Lenin, que ficaram em minoria no Congresso, convocaram, em setembro de 1903, uma conferência para lutar contra as decisões do Congresso. Esta conferência foi organizada por Trotsky e Martov. Trotsky enfileirava assim entre os mencheviques no momento do próprio nascimento do menchevismo.

No decurso do movimento revolucionário na Rússia, as divergências entre, por um lado, os bolcheviques, por outro, os mencheviques e Trotsky, acentuaram-se. Em 1905, como contrapeso à linha revolucionária de Lenine e à sua teoria da transformação da revolução democrática-burguesa em revolução socialista, Trotsky desenvolveu a sua famosa teoria sobre a “revolução permanente”, teoria que, de resto, tinha tomado do pseudo marxista alemão Parvus, que depois se tornou chauvinista e agente do imperialismo alemão. Esta

teoria aventureira, que negava o papel dirigente do proletariado face ao campesinato e afirmava que este último era incapaz de se aliar à classe operária para a lute contra a autocracia, ameaçava de morte a revolução russa. Esta teoria semeava a divisão na frente comum das forças motrizes da revolução, afastava da luta revolucionária as inumeráveis massas do campesinato russo, condenava a classe operária ao isolamento na luta revolucionária e servia assim a causa da reação.

Eis alguns textos em que Lenin respondeu a Trotsky:



Três erros de Trotsky

Trotsky comete um erro fundamental: não vê o caráter burguês da revolução e não compreende como se operará a passagem desta revolução à revolução socialista. Deste erro fundamental derivam erros parciais, que Martov repete reproduzindo e aprovando certas passagens de Trotsky.

A fim de esclarecer esta questão complicada por Martov, vamos demonstrar a inexatidão dos raciocínios de Trotsky, que Martov aprova.

A coligação do proletariado e do campesinato pressupõe que um dos partidos burgueses existentes anexará o campesinato ou então que o campesinato criará o seu próprio partido, poderoso e independente.

Isto é falso, tanto do ponto de vista teórico, como do ponto de vista da revolução russa. A coligação das classes não pressupõe, de forma alguma, a existência de um partido em geral. Confunde-se aqui a questão das classes e a questão dos partidos. A coligação das classes acima mencionadas não

pressupõe, de maneira nenhuma que um dos partidos burgueses existentes anexa o campesinato, nem que o campesinato crie o seu próprio partido poderoso e independente. Do ponto de vista teórico isso é evidente, primeiro porque repugna particularmente ao campesinato a organização em partidos, depois porque a criação de partidos camponeses é particularmente longa e difícil no decurso da revolução burguesa, de maneira que um partido camponês “poderoso e independente” só pode aparecer no fim desta revolução. Por outro lado, a experiência da revolução russa mostra claramente que a coligação do proletariado e do campesinato se realizou dezenas e centenas de vezes sob as formas mais diversas, ainda que não existisse qualquer partido camponês poderoso e independente...

O bloco político realiza-se em diferentes momentos históricos quer por um acordo para a coligação das forças na insurreição, quer por um entendimento parlamentar para a ação comum contra os reacionários e os cadetes. No decurso da revolução, a ideia da ditadura do proletariado e do campesinato encontrou a sua expressão prática sob mil formas, desde a assinatura do manifesto sobre a recusa dos impostos e a retirada dos depósitos (dezembro de 1905), e da assinatura dos apelos à Insurreição (julho de 1906) até aos votos à segunda e à III Duma, em 1907 e 1908.

A segunda afirmação de Trotsky, referida por Martov, é igualmente inexata. Não é verdade que toda a questão consiste em saber quem fornecerá o conteúdo da política governamental, quem agrupará uma maioria homogênea.

É particularmente falso quando Martov se serve disto como argumento contra a ditadura do proletariado e do campesinato. O próprio Trotsky admite a “participação dos representantes da população democrática” no “governo operário”,

isto é, admite um governo formado por representantes do proletariado e do campesinato. Em que condições se pode admitir a participação do proletariado no governo da revolução é uma questão específica, em relação à qual é muito possível que os bolcheviques não estejam de acordo não só com Trotsky, mas também com os sociais-democratas polacos. Mas a questão da ditadura das classes revolucionárias não se refere de modo nenhum à questão da maioria neste ou naquele governo revolucionário, à questão da admissão dos sociais-democratas neste ou naquele governo.

Por fim, a terceira opinião de Trotsky, ainda que pareça justa a Martov, é a mais falsa de todas.

Que ele [o campesinato] o faça [isto é, que se ligue com o regime da democracia operária], mesmo com tão pouca consciência como quando se liga ao regime burguês.

O proletariado não poderia apoiar-se na inconsciência e nos preconceitos do campesinato, a exemplo dos burgueses que se apoiam nele, nem admitir a persistência da inconsciência e da passividade ordinárias do campesinato num período revolucionário...

Em todo o caso, a conclusão de Martov, que declara que a conferência acabou por concordar com Trotsky na questão das relações entre o proletariado e o campesinato na luta pelo poder, não corresponde de modo nenhum aos fatos, porque a conferência não teve a intenção de examinar esta questão e porque efetivamente a não examinou.

Março de 1909

V. I. Lenin, “O objetivo da luta do proletariado na nossa revolução”, Obras completas, tomo XIV, pp. 44-47, ed. r.

Duas vias da Revolução

Determinar as relações das classes na revolução que se aproxima é o principal problema do partido revolucionário... Trotsky resolve este problema de forma errada no *Naché Slovo*. Ele repete a sua teoria de 1905, sem se dar ao trabalho de refletir sobre as razões por que a vida, durante dez anos, passou ao largo da sua magnífica teoria. A teoria original de Trotsky toma dos bolcheviques o apelo à luta revolucionária decisiva e à conquista do poder político pelo proletariado, e dos mencheviques a “negação” do papel do campesinato. O campesinato, ao que parece, está dividido, diferenciado e tornou-se cada vez menos apto a desempenhar um papel revolucionário; na Rússia, uma revolução “nacional” é impossível, “nós vivemos na época do imperialismo”, ora “o imperialismo opõe, não a nação burguesa ao antigo regime, mas o proletariado à nação burguesa”.

Eis um exemplo divertido da forma como se pode fazer malabarismos com o termo “imperialismo”. Se, na Rússia, o proletariado já se opõe à “nação burguesa”, segue-se que a Rússia está nas vésperas da revolução socialista. Então a palavra de ordem “Confisco das propriedades rurais” (repetida por Trotsky em 1915) é errónea e é necessário falar não só do “operário revolucionário”, mas do “governo socialista operário”. A que grau de confusão chega Trotsky pode-se ver pela frase na qual diz que o proletariado arrastará igualmente as massas populares não-proletárias! Trotsky não pensou que, se o proletariado chegar a levar as massas não proletárias dos campos à confiscação das propriedades rurais e a derrubar a monarquia, isto será precisamente o remate da “revolução nacional burguesa” na Rússia, a ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato.

Os dez anos que se passaram entre 1905 e 1915 demonstraram a existência de duas linhas de classe na revolução russa. A diferenciação do campesinato reforçou a luta de classes nos campos, despertou numerosos elementos indiferentes para a vida política, aproximou o proletariado rural do proletariado das cidades (os bolcheviques, desde 1906, não cessaram de reivindicar a organização específica do proletariado rural e inseriram isto na resolução do congresso menchevique de Estocolmo). Mas o antagonismo do “campesinato” e dos Markov-Romanov-Khvostov foi crescendo e revestiu uma forma aguda. Isto é uma verdade evidente que Trotsky, mesmo com milhares de frases e dezenas de artigos, não conseguirá refutar. Trotsky ajuda de fato os politikeiros operários liberais da Rússia, que, por “negação” do papel do campesinato, compreendem a recusa de impulsionar os camponeses para a revolução.

Ora este é, agora, o ponto capital. O proletariado luta e lutará estoicamente pela conquista do poder, pela República, pela confiscação das terras, isto é, para preparar o campesinato e utilizar inteiramente sua força revolucionária, para fazer participar as “massas populares” não proletárias na libertação da Rússia *burguesa* do imperialismo *feudal-militar* (isto é, czarismo), E esta libertação da Rússia do czarismo, do poder dos proprietários de terras, o proletariado irá imediatamente aproveitá-la não para ajudar os camponeses ricos na sua luta contra os trabalhadores rurais, mas para levar a cabo a revolução social em união com o proletariado da Europa.

20 de novembro de 1915

V. I. Lenin: *“Duas vias da revolução”*
Obras completas, tomo XVIII, pp. 317-318, e. r.

A Teoria da “Revolução Permanente” e o Leninismo

Como se apresenta a teoria da “revolução permanente” do camarada Trotsky, do ponto de vista desta particularidade da Revolução de Outubro?⁵

Não nos deteremos na posição do camarada Trotsky em 1905, quando “simplesmente” esqueceu o campesinato como força revolucionária, propondo a palavra de ordem “Abaixo o czar, governo operário”, isto é, a palavra de ordem de revolução sem o campesinato. O próprio camarada Radek, defensor da “revolução permanente” é agora obrigado a reconhecer que a “revolução permanente” em 1905 significava um “salto no ar”, uma defasagem da realidade. (*Pravda*, 14 de dezembro de 1924). Hoje, toda a gente reconhece, visivelmente, que não vale a pena ocupar-se com este “salto no ar”.

Tão pouco nos deteremos na posição do camarada Trotsky no período de guerra, em 1915, por exemplo, quando, partindo do fato de que “nós vivemos na época do imperialismo”, que o imperialismo “opõe não a nação burguesa ao antigo regime, mas o proletariado à nação burguesa”, chega à conclusão, no seu artigo *A luta pelo poder*, que o papel revolucionário do campesinato deve decrescer, que a palavra de ordem do confisco da terra já não tem a importância que tinha outrora (Ver 1905). Sabe-se que Lenin, analisando este artigo do camarada Trotsky, o acusava, então, de “negar o papel do

5. Trata-se do fato que “a ditadura do proletariado nasceu entre nós como um poder surgido na base da aliança do proletariado e das massas trabalhadoras do campesinato, sendo estas últimas dirigidas pelo proletariado”. J. Stalin: *A Revolução de Outubro e a tática dos comunistas russos*, p. 9, Bureau d'Éditions, Paris, 1938. [Nota da Edição Francesa]

campesinato” e dizia que Trotsky ajuda de fato os politiqueros operários liberais da Rússia, que, por “negação” do papel do campesinato, compreendem a *recusa* de impulsionar os camponeses para a revolução.

Passemos aos trabalhos mais recentes do camarada Trotsky sobre esta questão, aos trabalhos do período em que a ditadura do proletariado já tinha tido tempo para se consolidar e nos quais o camarada Trotsky tinha a possibilidade de verificar pelos fatos a sua teoria da “revolução permanente” e de corrigir seus erros. Tomemos o prefácio escrito pelo camarada Trotsky em 1922, ao livro *1905*. Eis o que o camarada Trotsky escreve no prefácio sobre a “revolução permanente”:

Foi precisamente no intervalo entre o 9 de janeiro e a greve de outubro de 1905 que se formaram no autor os conceitos sobre o caráter do desenvolvimento revolucionário da Rússia, designados sob o nome de teoria da “revolução permanente”. Esta designação abstrusa exprimia a ideia de que a revolução russa, diante da qual se colocavam imediatamente fins burgueses, não poderia, contudo, ficar por aí. A revolução só poderia resolver seus objetivos burgueses imediatos conduzindo o proletariado ao poder. Ora, quando este tivesse tomado o poder nas mãos, não se poderia limitar ao quadro burguês da revolução. Pelo contrário, e precisamente para assegurar a sua vitória, a vanguarda proletária deveria, desde os primeiros dias da sua dominação, operar incursões profundas nos domínios da propriedade tanto feudal como burguesa. Ao fazer isto, entraria em *colisões hostis*, não só com todos os agrupamentos da burguesia que a teriam sustentado no começo da sua luta revolucionária, mas também *com as grandes massas do campesinato* cujo concurso a teria levado ao poder. As contradições que dominam a situação de

um governo num país retardatário, em que a maioria esmagadora da população é constituída por camponeses, poderão encontrar a sua solução *unicamente* no plano internacional, na arena da revolução mundial do proletariado⁶. (Ver o prefácio, acima mencionado, ao livro de Trotsky, 1905.) Assim exprime sobre a “revolução permanente” o camarada Trotsky.

Basta confrontar tal citação com as reproduzidas anteriormente, e que extraímos das obras de Lenin sobre a ditadura do proletariado, para compreender que abismo separa a teoria leninista da ditadura do proletariado da teoria da “revolução permanente” do camarada Trotsky.

Lenin fala da *aliança do proletariado e das camadas trabalhadoras do campesinato*, como base da ditadura do proletariado. Ora, segundo Trotsky, seriam “*colisões hostis*” entre a “vanguarda proletária” e “as grandes massas do campesinato”. Lenin fala da *direção* pelo proletariado das massas trabalhadoras e exploradas. Ora, segundo Trotsky, são “*contradições* que dominam a situação de um governo operário em um país retardatário”, em que a “maioria esmagadora da população é composta por camponeses”.

Segundo Lenin, a revolução tira as suas forças, em primeiro lugar, dentre os operários e os camponeses da própria Rússia. Ora, segundo Trotsky, *unicamente* se podem tirar as forças indispensáveis “na arena da revolução mundial do proletariado”. Mas como fazer se a revolução mundial está atrasada? Haverá então algum raio de esperança para a nossa revolução? O camarada Trotsky não nos deixa nenhum raio de esperança, porque “as contradições que dominam a situação de um governo operário poderão encontrar solução *unicamente*... na arena da revolução mundial do proletariado”.

6. Sublinhado *por* mim. (J. St.)

Segundo este plano, só resta uma perspectiva para a nossa revolução: vegetar nas suas próprias contradições e apodrecer de pé na expectativa da revolução mundial.

O que é, segundo Lenin, a ditadura do proletariado?

A ditadura do proletariado é o poder que se apoia na aliança do proletariado e das massas trabalhadoras do campesinato para “a derrubada completa do Capital”, para “a instauração definitiva e a consolidação do socialismo”.

O que é, segundo Trotsky, a ditadura do proletariado?

A ditadura do proletariado é um poder que entra em “colisões hostis” com “as grandes massas do campesinato” e que procura a solução das “contradições” *unicamente* “na arena da revolução mundial do proletariado”.

Em que é que esta “teoria da revolução permanente” se distingue da famosa teoria do menchevismo que nega a ideia da ditadura do proletariado? Em nada, quanto ao fundo.

Não há dúvidas possíveis. A “revolução permanente” não é uma simples subestimação das possibilidades revolucionárias do movimento camponês. A “revolução permanente” é uma subestimação do movimento camponês que conduz à *negação* da teoria leninista da ditadura do proletariado.

A “revolução permanente” do camarada Trotsky é uma variedade do menchevismo.



Como é a “revolução permanente” do camarada Trotsky do ponto de vista da teoria leninista da revolução proletária?

Tomemos a brochura do camarada Trotsky, *A nossa revolução* (1900). O camarada Trotsky escreve: “Sem o apoio de Estado, direto, do proletariado europeu, a classe operária

da Rússia não poderá manter-se no poder e transformar a sua dominação temporária em uma ditadura socialista durável. Não seria possível duvidar disto um só instante”.⁷

O que diz esta citação? Precisamente que a vitória do socialismo em um só país, neste caso a Rússia, é impossível “sem o apoio de Estado, direto, do proletariado europeu”, isto é, antes da conquista do poder pelo proletariado europeu.

Que há de comum entre esta “teoria” e a tese de Lenin sobre a possibilidade da vitória do socialismo “em um só país capitalista considerado isoladamente”? É claro que não há nada de comum.

Mas admitamos que esta brochura do camarada Trotsky, editada em 1906, quando era difícil definir o caráter da nossa revolução, enferma de erros involuntários e não corresponde inteiramente às concepções professadas mais tarde pelo camarada Trotsky. Examinemos uma outra brochura do camarada Trotsky, o seu *Programa de paz*, surgido antes da Revolução de Outubro de 1917 e reeditado agora (em 1924) na sua obra *1917*. Nesta brochura, o camarada Trotsky crítica a teoria leninista da revolução proletária sobre a vitória do socialismo em um só país, e opõe-lhe a palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa. Afirma que a vitória do socialismo é impossível em um só país; que a vitória do socialismo só é possível como vitória dos vários Estados mais importantes da Europa (Inglaterra, Rússia, Alemanha), agrupados nos Estados Unidos da Europa – senão absolutamente impossível. Diz claramente que: “uma revolução vitoriosa na Rússia ou na Inglaterra é inconcebível sem a revolução na Alemanha, e vice-versa”.⁸

7. Ver *A nossa revolução*, p. 278 (ed. r.)

8. 1917, t. III, 1.^a parte (ed. r.).

A única objecção histórica um pouquinho concreta à palavra de ordem dos Estados Unidos – diz o camarada Trotsky – foi formulada no *Sotsial-Demokrat* suíço [órgão central dos bolcheviques nesta época. *J. ST.*] nestes termos: “A desigualdade do desenvolvimento econômico e político é a lei absoluta do capitalismo”. Donde o *Sotsial-Demokrat* tirava a conclusão que a vitória do socialismo em um só país é possível e que, por consequência, era inútil condicionar a ditadura do proletariado em cada Estado considerado isoladamente, pela formação dos Estados Unidos da Europa. Que o desenvolvimento capitalista dos diferentes países é desigual é uma consideração absolutamente indiscutível. Mas esta desigualdade é ela própria muito desigual. O nível capitalista da Inglaterra, da Áustria, da Alemanha ou da França não é o mesmo. Mas, comparados à África ou à Ásia, todos estes países representam a “Europa” capitalista, amadurecida para a revolução social. Que nenhum país tenha de “esperar” pelos outros na sua luta é a ideia elementar que é útil e indispensável repetir para que a ideia da ação internacional paralela não seja substituída pela ideia da inação internacional expectativa. Sem esperar pelos outros, nós começamos e continuamos a luta no terreno nacional, com a inteira certeza de que a nossa iniciativa dará um impulso à luta nos outros países; ora, se isso não tivesse de produzir-se, seria inútil pensar – a experiência histórica e as considerações teóricas fazem disso fé – que a Rússia revolucionária, por exemplo, possa resistir frente à Europa conservadora, ou que a Alemanha socialista possa manter-se isolada no mundo capitalista.⁹

9. 1917, t. III, 1.^a parte (ed. r.).

Como veem, estamos na presença da mesma teoria da vitória simultânea do socialismo nos principais países da Europa, teoria que, regra geral, exclui a teoria leninista da vitória do socialismo em um só país.

É certo que a vitória *total* do socialismo, que a garantia *total* contra a restauração da antiga ordem de coisas, tornam necessários esforços conjugados dos proletários dos vários países. É certo que, sem o apoio do proletariado da Europa à nossa revolução, o proletariado da Rússia não teria podido resistir à pressão geral, exatamente do mesmo modo que, sem o apoio da revolução na Rússia ao movimento revolucionário no Ocidente, este movimento não teria podido desenvolver-se ao ritmo a que começou a desenvolver-se após a instauração da ditadura do proletariado na Rússia. É certo que temos necessidade de apoio. Mas em que consiste o apoio do proletariado da Europa ocidental à nossa revolução? As simpatias dos operários europeus com nossa revolução, a sua vontade de fazer abortar planos de intervenção dos imperialistas, constituirão um apoio, uma ajuda séria? Sim, sem dúvida. Sem tal apoio, sem tal ajuda, não só da parte dos operários europeus, mas também da parte das colônias e dos países dependentes, a ditadura do proletariado viveria insegura. Terão sido suficientes até agora esta simpatia e esta ajuda, conjuntamente com a força do nosso Exército Vermelho e a vontade dos operários e camponeses da Rússia de oferecerem os seus peitos para defenderem a pátria socialista, – terá sido suficiente tudo isto para repelir os ataques dos imperialistas e conquistar as condições necessárias para um trabalho de edificação sério? – Sim. Esta simpatia irá crescendo ou diminuindo? Cresce, incontestavelmente. Existirão, entre nós, condições favoráveis, não só para fazermos avançar a organização da

economia socialista, mas ainda para apoiarmos tanto os operários da Europa ocidental como os povos oprimidos do Oriente? Sim, existem, é o que nos mostra eloquentemente a história de sete anos de ditadura do proletariado na Rússia. Pode-se negar que já tenha começado entre nós um poderoso desenvolvimento do trabalho? Não.

Depois de tudo isto, que significado pode ter a declaração do camarada Trotsky que a Rússia revolucionária não poderia resistir frente à Europa conservadora?

Só pode ter um significado: é que, em primeiro lugar, o camarada Trotsky não sente a força interna da nossa Revolução; em segundo lugar, o camarada Trotsky não compreende a importância inapreciável do apoio moral que os operários do Ocidente e os camponeses do Oriente dão à nossa revolução; em terceiro lugar, o camarada Trotsky desconhece o mal interno que atualmente corrói o imperialismo.

Arrebatado pela sua crítica da teoria leninista da revolução proletária, o camarada Trotsky, inadvertidamente, bateu com toda a força em si mesmo, na sua brochura *Programa da paz*, aparecida em 1917 e reeditada em 1924.

Mas talvez esta brochura do camarada Trotsky tenha igualmente envelhecido e não corresponda já, por qualquer razão, às suas atuais concepções? Vejamos as obras mais recentes do camarada Trotsky, escritas após a vitória da revolução proletária em um só país, na Rússia. Vejamos, por exemplo, o posfácio do camarada Trotsky à nova edição da sua brochura *Programa da paz*, posfácio escrito em 1922. Eis o que escreve: "A afirmação de que a revolução proletária não pode concluir-se vitoriosamente no quadro nacional, afirmação que se encontra várias vezes repetida no *Programa da paz*, parecerá, talvez, a certos leitores, desmentida pela experiência quase quinquenal da nossa República Soviética. Mas

tal conclusão não seria fundamentada. O fato do Estado operário em um só país, para mais em um país atrasado, ter resistido ao mundo inteiro, testemunha a força colossal do proletariado que nos países mais avançados, mais civilizados, será capaz de realizar verdadeiros prodígios. Mas se nos mantivemos política e militarmente enquanto Estado, por outro lado não chegamos à criação de uma sociedade socialista, nem sequer nos aproximamos dela. Enquanto a burguesia estiver no poder nos outros Estados europeus, seremos obrigados, na luta contra o isolamento econômico, a procurar acordos com o mundo capitalista; ao mesmo tempo, pode dizer-se com certeza que estes acordos podem, no melhor dos casos, ajudar-nos a curar estas ou aquelas feridas econômicas, a dar este ou aquele passo em frente, mas que o verdadeiro desenvolvimento da indústria na Rússia só será possível *após a vitória*¹⁰ do proletariado nos principais países da Europa".¹¹

Assim se exprima o camarada Trotsky, que peca manifestamente contra a realidade e se esforça obstinadamente por salvar a "revolução permanente" do naufrágio definitivo.

Assim, os esforços terão sido inúteis, pois não só "não chegamos" à criação de uma sociedade socialista, mas sequer nos "aproximamos" dela. Alguns, segundo parece, punham a sua esperança em "acordos com o mundo capitalista", mas estes acordos não têm, segundo parece, dado nada, pois nossos esforços terão sido inúteis, o "verdadeiro desenvolvimento da economia socialista" será impossível, enquanto o proletariado não vencer "nos principais países da Europa".

Ora, como ainda não se venceu no Ocidente, já só resta uma "escolha" à Revolução da Rússia, ou apodrecer em pé, ou degenerar em Estado burguês.

10. Sublinhado por mim. (J. St.)

11. 1917, t. III, I.^a parte. pp. 92 e 93 (ed. r.).

Não é por acaso que o camarada Trotsky fala, já há dois anos, da “degenerescência” do nosso Partido.

Não é por acaso que o camarada Trotsky profetizava, no ano passado, a “ruína” do nosso país.

Como conciliar esta estranha “teoria” com a teoria de Lenin da “vitória do socialismo em um só país”?

Como conciliar esta estranha “perspectiva” com a perspectiva de Lenin, segundo a qual a nova política econômica nos trará a possibilidade de “construir as bases da economia socialista”?

Como conciliar tal desespero “permanente” com, por exemplo, estas palavras de Lenin: “Desde agora, o socialismo deixou de ser uma questão de futuro longínquo, ou uma espécie de visão abstrata ou uma espécie de ícone. Quanto aos ícones, nós ficámos na nossa velha opinião, muito má. Nós fizemos o *socialismo penetrar na* vida cotidiana e devemos agora reencontrar-nos aí. Eis o que constitui nossa tarefa atual, eis o que constitui a tarefa da nossa época. Permitti-me terminar exprimindo a certeza de que, por difícil que seja esta tarefa, por nova que seja em relação às nossas tarefas anteriores, por numerosas que sejam as dificuldades que ela nos causa, – nós vamos cumpri-la, todos nós, e custe o que custar, não amanhã, mas ao longo de vários anos, e de tal modo que a Rússia da NEP transformar-se-á na Rússia Socialista”.¹²

Como conciliar este desespero “permanente”, com, por exemplo, estas palavras de Lenin: “Efetivamente, alargando-se o poder de Estado sobre todos os meios importantes de produção, o poder de Estado nas mãos do proletariado, a aliança deste proletariado com os milhões e milhões *dos*

12. Ver Lenin: Obras completas, t. XXVI, “Discurso pronunciado na Assembleia plenária do Soviete de Moscou”, em 20 de novembro de 1922, (3.^a ed. r., p. 366).

pequenos camponeses e dos camponeses pobres, a direção do campesinato pelo proletariado, etc., não é tudo isso suficiente para poder, com a cooperação, unicamente com a cooperação (que nós antes considerávamos mercantil, e que agora, sob a NEP, temos em certos aspectos o direito de considerar do mesmo modo), não é tudo quanto é necessário para edificar a sociedade socialista integral? Não é ainda a construção da sociedade socialista, mas é tudo o que é necessário e suficiente para esta construção”.¹³

É claro que não há, nem pode haver, conciliação possível. A “revolução permanente” do camarada Trotsky é a negação da teoria leninista da revolução proletária e vice-versa – a teoria leninista da revolução proletária é a negação da teoria da “revolução permanente”.

Ausência de fé nas forças e nas capacidades da nossa Revolução, ausência de fé nas forças e nas capacidades do proletariado da Rússia, tal é o reverso da teoria da “revolução permanente”.

Até agora, assinalava-se ordinariamente *apenas um* lado da teoria da “revolução permanente”; a ausência de fé nas potencialidades revolucionárias do movimento camponês. Hoje, para ser justo, é necessário completá-lo com um *outro* lado: a ausência de fé nas forças e capacidades do proletariado da Rússia.

Em que é que a teoria do camarada Trotsky se distingue da teoria vulgar do menchevismo, segundo a qual a vitória do socialismo em um só país, para mais em um país atrasado, é impossível sem a vitória prévia da revolução proletária “nos principais países da Europa Ocidental”?

13. Ver Lenin: “Sobre a cooperação”, Sobre a aliança dos operários e camponeses, p. 104, Bureau d'Éditions, Paris. 1936.

Em nada, quanto ao fundo. Não é possível haver dúvidas. A teoria da “revolução permanente” do camarada Trotsky é uma variedade do menchevismo.

Ultimamente multiplicaram-se na nossa imprensa os diplomatas corrompidos que procuram fazer passar a teoria da “revolução permanente” por qualquer coisa comparável ao leninismo. Evidentemente, dizem eles, esta teoria mostrou-se inadequada em 1905. Contudo, o erro do camarada Trotsky consiste em que se tinha então adiantado, tentando aplicar à situação de 1905 o que lhe era inaplicável. Mas depois, dizem eles, por exemplo em outubro de 1917, quando a revolução atingiu a sua plena maturidade, a teoria do camarada Trotsky mostrou-se, pretendem, plenamente adequada.

Não é difícil adivinhar que o principal destas diplomatas é o camarada Radek. Ouçam mais: “A guerra cavou um abismo entre o campesinato, que aspira à conquista da terra e à paz, e os partidos pequeno-burgueses; a guerra pôs o campesinato sob a direção da classe operária e da sua vanguarda, o Partido Bolchevique. Tornou-se possível, não a ditadura da classe operária e do campesinato, mas a ditadura da classe operária apoiando-se no campesinato. O que Rosa Luxemburgo e Trotsky defendiam em 1905 contra Lenin [isto é, a “revolução permanente”. J. St.] foi efetivamente reconhecido como a segunda etapa do desenvolvimento histórico”.¹⁴

Tantas palavras, quantas as trapaças.

É falso que, durante a guerra, “tornou-se possível, não a ditadura da classe operária e do campesinato, mas a ditadura da classe operária apoiando-se no campesinato”. Na re-

14. Ver *Pravda*, n.º 42, de 21 de fevereiro de 1924.

alidade, a Revolução de Fevereiro de 1917, realizava a ditadura do proletariado e do campesinato, combinando-a de um modo singular com a ditadura da burguesia.

É falso que a teoria da “revolução permanente”, que o camarada Radek passa pudicamente em silêncio, tenha sido formulada em 1905 por Rosa Luxemburgo e Trotsky. Na realidade, esta teoria foi formulada por Parvus e Trotsky. Agora, ao fim de dez meses, o camarada Radek, voltando atrás, julga necessário censurar Parvus pela sua teoria da “revolução permanente”. (Ver o artigo sobre Parvus na *Pravda*.) Mas a justiça exige do camarada Radek que critique igualmente o companheiro de Parvus, o camarada Trotsky.

É falso que a “revolução permanente”, refutada pela revolução de 1905, se tenha revelado justa para a “segunda etapa do desenvolvimento histórico”, isto é, durante a Revolução de Outubro. Todo o decurso da Revolução, todo o seu desenvolvimento mostrou e demonstrou a carência total da teoria da “revolução permanente”, a sua completa incompatibilidade com os princípios do leninismo. Nem os discursos açucarados, nem a diplomacia corrupta, chegarão a mascarar o abismo profundo que separa a teoria da “revolução permanente” do leninismo.

17 de dezembro de 1924

**J. Stalin: “A Revolução de Outubro e a tática dos comunistas russos”
pp. 12-16; 19-27, Bureau d'éditions, Paris, 1936.**

TROTSKY, LIQUIDADOR DO PARTIDO DO PROLETARIADO

A sua atividade fracionista. A sua luta contra Lenin e os Bolcheviques.

Durante os anos de reação que se seguiram à derrota da revolução de 1905, Lenin insistia na necessidade de modificar a tática do Partido de acordo com as transformações da situação. Lenin exigia que se aproveitasse para o trabalho revolucionário todas as possibilidades legais conquistadas pela revolução e que se utilizasse a tribuna da Duma do Império através dos deputados eleitos pela classe operária. Em 1907, Kamenev levantou-se contra a linha de Lenin. Foi um dos partidários mais insistentes do “boicote”, do sectarismo das belas frases que condenavam a classe operária ao isolamento e reduziam o Partido ao papel de seita destacada das necessidades cotidianas do proletariado e do movimento revolucionário. Em uma brochura especial dirigida contra Lenin, Kamenev defendeu o boicote e declarou-se contra a utilização das possibilidades legais, dos sindicatos, das organizações culturais, etc. Nessa ocasião, Zinoviev marchou muito tempo lado a lado com Kamenev.

Trotsky, cuja palavra de ordem era a união sem princípios “de todas as fracções” do POSDR, esforçava-se então por colocar os bolcheviques sob a direção dos liquidacionistas mencheviques e por destruir o bolchevismo enquanto partido independente. Lenin lutava sem tréguas contra Trotsky e sublinhava nestes termos o extremo perigo da sua posição: “Trotsky e os seus pares – os “trotskistas e os conciliadores”

– são mais perigosos do que qualquer outro liquidador, porque os liquidacionistas convictos expõem francamente o seu ponto de vista e os operários distinguem facilmente seus erros, enquanto que os senhores Trotsky & Cia *enganam* os operários, *dissimulam* o mal e agem de modo que se torna impossível descobri-lo e curar-se dele. Todos os que sustentam o grupo de Trotsky sustentam uma política de mentiras e de intrujices para com os operários, uma política que dissimula o liquidacionismo”. (Tomo XV, p. 218, ed. r.)

Para lutar contra os bolcheviques, Trotsky convocou em 1912 a conferência de agosto durante a qual se constituiu um bloco sem princípios composto de diferentes tendências e frações. A conferência convocada por Trotsky teve por palavra de ordem o mais franco liquidacionismo. Renunciou à luta pela República na Rússia, pela jornada de 8 horas e confisco das terras; abandonou todas as outras reivindicações, assim como todos os princípios do programa socialdemocrata.

Sublinhando a política aventureira do trotskismo, Lenin falava nestes termos do bloco de Agosto: “É precisamente partindo de ‘princípios fundamentais’ que devemos reconhecer, na exata acepção do termo, o caráter *aventureiro* deste bloco. Trotsky *não ousa* declarar que considera Potressov e os partidários do boicote da Duma como verdadeiros marxistas, como verdadeiros defensores dos princípios da socialdemocracia. A posição de um aventureiro tem de particular o fato de o obrigar constantemente a fazer ziguezagues”. (Tomo XV, pp, 68-69, ed. r.)

E Lenin prossegue: “Além disso, declaramos, em nome de todo o Partido, que Trotsky conduz uma política hostil ao Partido, que destrói a legalidade do Partido, que se embrenha na via das aventuras e da cisão”. (*Idem*, p. 65.)

Tal é a característica autêntica de Trotsky, dada por Lenin. A seguir, série de textos de Lenin relativos a este período.



A crise de unificação do nosso Partido

Basta pôr a questão para vermos como são ocas as frases da resolução de Trotsky e para nos apercebermos que servem na realidade para defender a posição de Axelrod, Alexinski e consortes.¹⁵

As primeiras palavras da resolução de Trotsky revelam o pior espírito conciliador. Efetivamente, a sua conciliação é uma conciliação com pessoas, com capelinhas e não com uma linha de ação, com uma ideologia política determinada. É nisto que consiste a profunda diferença entre o “conciliacionismo” de Trotsky e consortes (que, em última análise, serve sobretudo aos liquidacionistas e aos extremistas, e que é tanto mais perigoso para o Partido quanto mais habilmente se cobre de declamações em favor do Partido e contra as facções) e o verdadeiro espírito de partido, que procura depurar o Partido da tendência liquidadora e do otzovismo.

No tocante à importância e às condições da realização da unidade do Partido, duas concepções são possíveis...

Uma, coloca em primeiro plano “a conciliação de determinadas pessoas, de grupos e de instituições”, cuja unidade de perspectivas sobre o trabalho do Partido e a direção a dar a este trabalho é considerada como coisa secundária. Esforça-se por abafar os desacordos em vez de procurar as

15. Axelrod e Alexinski pertenciam ao grupo dos mencheviques liquidadores. [Nota da Edição Francesa]

suas raízes e de determinar a sua importância e condições objetivas. “Conciliar as pessoas e os grupos”, eis o principal. Uma vez que ninguém se entende sobre o estabelecimento de uma linha de ação comum, é preciso interpretar esta linha de forma que ela seja assimilável para todos. Em uma palavra, regula-se pelo princípio: Vive e deixa viver os outros!

Esta é a conciliação vulgar, que conduz infalivelmente à diplomacia de capelinhas. Mascarar as raízes do desacordo, evitar falar, afastar a todo o custo os conflitos, neutralizar as tendências hostis, é o objetivo do “conciliacionismo”. É evidente que, em um período em que o Partido ilegal tem a sua base de operações no estrangeiro, esta diplomacia de capelinhas abre totalmente as portas às “pessoas, grupos e instituições” que desempenham o papel de “intermediários honestos” em todas as tentativas de conciliação e de arbitragem...

Os mencheviques pediam ao órgão central a instituição da arbitragem e propunham como árbitros um membro do Bund e Trotsky para desempenhar o papel de alcoviteiras e casar “determinados indivíduos, grupos e instituições” sem exigir de ninguém a renúncia ao “liquidacionismo”.

É esta mentalidade de alcoviteira que constitui toda a base ideológica da política conciliadora de Trotsky e de Ionov¹⁶. Os seus queixumes e lamurias sobre a não realização da união são os queixumes e os gemidos da alcoviteira que vê fracassar as suas diligências.

O abortar das esperanças que Trotsky e Ionov alimentavam na unificação com determinadas pessoas, grupos e instituições, independentemente da atitude destas frente à corrente liquidadora é tão somente um insucesso de intermediação.

16. Ionov era o colaborador de Trotsky na *Pravda* (órgão trotskista editado em Viena). [Nota da Edição Francesa]

rios que se colocam em um ponto de vista tão falso quão miserável, mas não significa de modo nenhum o fracasso da unificação do Partido...

Nenhuma ideia levantou na assembleia plenária uma indignação tão furiosa e por vezes tão cômica como a ideia da “luta sobre as duas frentes”. Toda a alusão a este assunto punha fora de si os mencheviques e os otzovistas. Esta indignação é historicamente explicável, porque os bolcheviques conduziram realmente a luta em duas frentes, do mês de agosto de 1906 até janeiro de 1910, contra os liquidacionistas e os extremistas. Esta indignação não deixava de ser cômica porque os que se irritavam contra os bolcheviques mostravam por essa sua atitude que tinham culpas, que continuavam a ser tocados ao vivo por qualquer censura dirigida à tendência liquidadora e ao otzovismo. Não se pode falar de corda na casa de um enforcado.

A proposta de Trotsky no sentido de substituir as palavras “a luta em duas frentes” por “o triunfo por meio do alargamento e da intensificação” obteve o mais vivo apoio dos mencheviques e do grupo Vpériod... A aceitação desta proposta teve por único resultado obscurecer e diluir uma passagem da resolução.

Eis um exemplo que demonstra bem o vazio das palavras de Trotsky e de Ionov. Para esclarecer algumas tentativas de liquidação de Mikhail, de Yuri¹⁷ e consortes, o Comitê Central perdeu tempo e forças que teriam sido mais bem empregues se consagradas ao alargamento e à intensificação imediata do verdadeiro trabalho socialdemocrata. Sem os atos de

17. Mikhail e Yuri eram representantes dos mencheviques no Comitê Central que deveria dirigir o trabalho do Partido na Rússia. Recusaram participar neste trabalho. [Nota da Edição Francesa]

Mikhail, de Yuri e consortes, sem o “liquidacionismo” daqueles que erradamente continuamos a considerar como nossos camaradas, o alargamento e a intensificação do trabalho socialdemocrata ter-se-iam processado muito melhor, porque a luta interna não teria absorvido as forças do Partido. Se, por alargamento e intensificação do trabalho socialdemocrata, se entende o desenvolvimento imediato da agitação, da propaganda, da luta econômica em um espírito verdadeiramente socialdemocrata, todo o tempo despendido a ultrapassar os desvios de certos socialdemocratas é, por assim dizer, tempo roubado à ação positiva e daí resulta que a frase relativa à eliminação dos desvios por meio do alargamento, etc., não tem sentido nenhum.

Efetivamente, esta frase exprime um vago desejo, um voto simplório e inofensivo para que houvesse menos lutas internas entre os socialdemocratas. Além deste voto anódino, esta frase não quer dizer nada; não passa de um suspiro dos conciliadores! Oh, se houvesse menos lutas contra a liquidação e o otzovismo!

Compreende-se a apreciação prática que deriva desta “apreciação do momento” feita por Trotsky e por Ionov. Não se produziu nada de particular, apenas uma querela da fração. Instalam-se novas alcoviteiras e o golpe está dado. A diplomacia de capelinha explica tudo. Fornece todas as receitas práticas. De um lado, homens que ardem por se bater, do outro, partidários da conciliação; então basta suprimir toda a alusão à “base”, ali não referir esta ou aquela instituição, acolá fazer uma concessão aos formalismos no tocante aos modos de convocação da conferência... é a velha história, mas sempre nova das capelinhas no estrangeiro...

É por isso que os esforços de Trotsky e de Lonov com vista à reconciliação são agora tão lamentáveis como ridículos. Só uma incompreensão total dos fatos pode explicar esses esforços, que são agora inofensivos, porque ninguém os apoia, a não ser os diplomatas de círculos no estrangeiro. Os conciliadores à Trotsky e Lonov enganaram-se tomando as condições particulares que permitiram à diplomacia conciliadora instalar-se na assembleia pelas condições gerais da vida atual do Partido. Graças à existência de tendências profundas para a reconciliação (para a unificação do Partido) nas duas facções principais, esta diplomacia desempenhou certo papel na assembleia plenária, mas enganaram-se tomando-a como fim em si, por um instrumento que lhes permitiria navegar constantemente entre pessoas, grupos e instituições...

Tendo sido impelidos para o primeiro plano na assembleia plenária¹⁸, tendo obtido a possibilidade de desempenhar um papel na qualidade de intermediários e de juizes para pôr fim à divisão, para dar satisfação às pretensões dirigidas contra o bureau central, os conciliadores à Trotsky e Lonov imaginaram que, enquanto existissem as pessoas, os grupos e as instituições em questão, poderiam brincar aos intermediários. Erro ridículo. Os intermediários são necessários quando é preciso determinar a medida das concessões necessárias para obter o entendimento...

Agora os intermediários já não são necessários, já não têm papel a desempenhar porque já não se trata da medida

18. Esta assembleia plenária do Comitê Central teve lugar em 1910. Foi feita aí uma última tentativa para unificar frações. A assembleia plenária censurou tendências liquidadoras enquanto desvios de direita e o otzovismo enquanto desvio da esquerda e decidiu a supressão das frações. Mas os liquidadores sabotaram esta resolução. [Nota da Edição Francesa]

das concessões, e isso porque todas as concessões (mesmo as mais excessivas) foram feitas na assembleia plenária...

Se Trotsky e Lonov tivessem agora a ideia de querer reconciliar o Partido com as pessoas, os grupos e as instituições em questão, seriam para nós, bolcheviques e mencheviques partiitsi¹⁹, apenas traidores ao Partido e nada mais...

Todos os conciliadores sem caráter, como Trotsky e Lonov, que defendem ou justificam estas pessoas, perdem-nas na realidade ligando-as mais fortemente à tendência liquidadora, e esse é seu maior crime... Pelo contrário, tudo se torna perfeitamente compreensível se não nos recusarmos a ver o que está na base, que é o agrupamento definitivo de todos os independentes russos e a sua definitiva reconciliação com a "utopia reacionária" do restabelecimento e da consolidação do Partido ilegal...

Os pontos de vista de Lonov e de Trotsky, que querem ser considerados como estranhos a qualquer fração são, de fato, característicos a este respeito (*Pravda*, n.º 12, e resolução de Viena). Trotsky recusa-se obstinadamente a ter em conta os mencheviques partiitsi... Tentar, apesar de todos os fatos em contrário, apresentar a luta de Plekhanov contra o grupo de Goloss²⁰ como uma briga literária entre frações é muito simplesmente pôr-se do lado do grupo dos independentes partidários da legalidade contra o Partido.

Março-Maio de 1910.

V. I. Lenin: "*Notas do um publicista*"
Obras completas, tomo XIV, pp. 291-338, ed. r.

19. Mencheviques de esquerda, que, com Plekhanov, se erguiam contra os liquidadores e colaboravam com os bolcheviques. [Nota da Edição Francesa]

20. Órgão dos mencheviques liquidadores (Martov, Dan, Martynov). [Nota da Edição Francesa]



A Política de Aventuras e de Cisão de Trotsky

A resolução Trotsky convidando as organizações locais a preparar uma “Conferência de todo o Partido” fora do Comitê Central e contra ele apenas exprime o objetivo prosseguido pelo grupo do *GoLoss*: aniquilar as instituições centrais, odiosas a todos os liquidacionistas e acabar ao mesmo tempo com o Partido enquanto organização. Não basta esclarecer estas manobras dirigidas contra o Partido pelo grupo do *GoLoss* e por Trotsky, é preciso também combatê-las. Os camaradas que prezam o Partido e desejam sua restauração devem pronunciar-se categoricamente contra aqueles que, guiados por considerações de fração e de capelinha, se esforçam por destruí-lo...

É preciso compreender porque é que é insensato, indigno, ridículo, elaborar resoluções acerca da comunidade de ação com pessoas como Potressov e consortes²¹. Quando o Partido compreender que se encontra em face de duas políticas inconciliáveis, que se trata aqui do socialdemocratismo e do liberalismo, encontrará facilmente uma saída. Então saberemos criar um aparelho “legal” que não servirá aos liquidacionistas para entravar a ação do Partido.

A resolução de Viena (26 de novembro da 1910) compreende três partes: 1) uma declaração de guerra à *Gazette Ouvrière*²² (combater este jornal, que é uma “nova empresa fracionista”, segundo a expressão de Trotsky); 2) uma parte polêmica contra a linha do bloco “dos bolcheviques e de

21. Potressov pertencia ao grupo dos liquidadores. [Nota da Edição Francesa]

22. A *Gazette Ouvrière* era o órgão dos liquidadores. [Nota da Edição Francesa]

Plekhanov”; 3) a declaração de “que a assembleia do clube de Viena (isto é, Trotsky e o seu círculo) decide criar uma base para a preparação e a convocação da conferência do POSDR”.

Não nos deteremos na primeira parte. Trotsky tem toda razão quando diz que a *Gazette Ouvrière* é uma “empresa privada” e que não está de modo algum “autorizada a falar em nome do Partido”.

Infelizmente, Trotsky esquece-se de que ele próprio e a sua *Pravda* também não têm autoridade para o fazer. Ele declara que a assembleia plenária reconheceu a ação da *Pravda* como útil, mas não diz que esta mesma assembleia nomeou um representante do CC para a redação da *Pravda*. Calar este fato referindo por outro lado as decisões da assembleia plenária em relação à *Pravda* é simplesmente enganar os operários, e isto tanto mais fraudulentamente do que no mês de agosto de 1910 Trotsky afastava da *Pravda* o representante do CC. Após este acontecimento, após a ruptura do laço que o ligava ao CC, o jornal de Trotsky é apenas uma “empresa privada”, incapaz, além disso, de cumprir os compromissos assumidos. Até à próxima reunião do CC, o único juiz da atitude da *Pravda* face ao CC é o representante nomeado pela assembleia plenária, que definiu a atuação de Trotsky como contrária aos estatutos.

Eis o que resulta a questão levantada tão a propósito por Trotsky sobre os que estão autorizados a falar em nome do Partido.

Enquanto os liquidacionistas independentes, partidários da legalidade, sabotarem o CC russo, enquanto o grupo de *Goloss* sabotar o CC estrangeiro, o órgão central fica sendo a única instituição autorizada a falar em nome do Partido.

É por isso que declaramos, em nome do Partido, que Trotsky conduz uma política nefasta ao Partido, que viola a

legalidade do Partido, que se enreda na via das aventuras e da cisão quando, na sua resolução, sem dizer uma única palavra do CC (como se estivesse combinado com o grupo do *Goloss* para não reconhecer o CC), anuncia, em nome de um grupo estrangeiro, a criação de uma base para a convocação de uma Conferência do POSDR...

Trotsky escreve na sua resolução que a luta conduzida por “leninistas e plekhanovistas” já não tem presentemente nenhuma base de princípios (ao substituir por personalidades as correntes do bolchevismo e do menchevismo antiliquidacionista, Trotsky quer mostrar seu desdém, mas apenas consegue mostrar a sua incompreensão).

É uma mentira descarada dizer que, em todas as correntes do Partido, se chegou à firme convicção de que é necessário restabelecer a ação ilegal. Cada número do *Goloss* mostra que os golossistas olham o grupo de Potressov e consortes como uma corrente do Partido, e mais, que colaboram sistematicamente com este grupo. Não será ridículo e vergonhoso, um ano após a assembleia plenária do CC, jogar às escondidas, enganar-se a si mesmo e enganar os operários recorrendo a disfarces oratórios, quando se trata da aplicação de decisões e não de frases?

Trotsky olha ou não olha Potressov e os seus consortes (nitidamente designados no órgão central!) como uma “corrente do Partido?” Esta questão é precisamente a da aplicação das decisões da assembleia plenária, e há já um ano que o órgão central pôs a questão de uma forma clara, nítida, precisa, de forma a tornar impossível qualquer evasiva...

Trotsky guarda silêncio sobre esta verdade incontestável, porque ela o incomoda, dado o objetivo real da sua política. Ora, este objetivo torna-se cada vez mais claro, cada vez mais evidente, mesmo para membros menos clarividentes do

Partido. Este objetivo é o bloco de Potressov e dos otzovistas contra o Partido, bloco que é sustentado e organizado por Trotsky. A adoção das resoluções de Trotsky (no gênero da de Viena) pelo grupo de Goloss, todo o apoio da *Pravda* aos extremistas, todas as bisbilhotices tendentes a fazer crer que na Rússia apenas os extremistas e os trotskistas atuam, a propaganda da *Pravda* em favor da escola fracionista do grupo *Vpériod*, o apoio dado por Trotsky a esta escola, tudo isto são fatos impossíveis de esconder por muito tempo.

A política de Trotsky é a “colaboração amigável” do *Pravda* com as frações dos Potressov e dos adeptos do grupo *Vpériod*. Neste bloco os papéis distribuem-se de uma forma muito clara: Potressov e consortes continuam o seu trabalho pela legalidade do Partido e pela destruição da socialdemocracia: os golossistas formam a sucursal estrangeira desta fração e Trotsky assume o papel de advogado, assegurando ao público ingênuo que “entre todas as correntes do Partido se estabeleceu uma política socialdemocrata firme”. Os extremistas do grupo *Vpériod* utilizam também os serviços deste advogado, que defende a liberdade da sua escola fracionista e encobre sua política com uma fraseologia oficial hipócrita. Este bloco apoia muito naturalmente a “base” Trotsky e a conferência convocada por Trotsky, porque os Potressov e as gentes do *Vpériod* têm aqui tudo o que necessitam: liberdade para a sua fração, proteção às suas atuações e quem advogue em sua defesa diante dos operários.

É por isso que, colocando-nos do ponto de vista dos “princípios”, só podemos considerar este bloco como um bloco de aventureiros no sentido rigoroso do termo...

A razão essencial por que este novo bloco está destinado ao fracasso, seja qual for o seu sucesso junto de elementos rotineiros e quaisquer que sejam as bases que Trotsky

consiga reunir por intermédio dos extremistas e de Potressov, é que é absolutamente desprovido de princípios. A teoria do marxismo, os princípios de toda a sua filosofia, de todo o nosso programa e de toda a nossa tática estão agora no primeiro plano na vida do Partido. É preciso expor novamente os princípios do marxismo às massas, é preciso pôr de novo na ordem do dia a defesa da teoria marxista. Declarando que a aproximação dos mencheviques *partlitsi* e dos bolcheviques é efêmera e desprovida de fundamento político, Trotsky mostra a profundidade da sua ignorância e o vazio das próprias concepções. Foram precisamente os princípios do marxismo que triunfaram na luta dos bolcheviques contra as ideias anti socialdemocratas, na luta dos mencheviques *partiitsi* contra os Potressov e os golossistas...

Os resultados da colaboração amigável de Potressov com os extremistas e Trotsky não se manifestaram ainda; até aqui apenas se viu diplomacia de capelinha... O bloco de Trotsky, de Potressov e dos extremistas é precisamente uma aventura, do ponto de vista dos princípios.

O ano que decorreu desde a assembleia plenária mostrou-nos que o grupo Potressov e a fração do *Vpériod* encarnam precisamente esta influência burguesa sobre o proletariado. Passar em silêncio este fato evidente é fazer o jogo dos aventureiros, porque até aqui ainda ninguém ousou dizer abertamente que Potressov e seus consortes não têm nada de “liquidacionismo”, nem que está de acordo com a linha do Partido de reconhecer o otzovismo como uma “nuance legal”.

Enfim, em terceiro lugar, Trotsky conduz uma política aventureira do ponto de vista de organização, porque, tal como já dissemos, esta política é contrária aos estatutos do Partido e, organizando uma Conferência em nome de um

grupo estrangeiro (ou em nome de duas frações hostis ao Partido: os golossistas e os extremistas), Trotsky compromete-se diretamente na via da cisão.

Janeiro de 1911

V. I. Lenin: *“Sobre a situação no Partido”*
Obras completas, tomo XV, pp. 60-70, ed. r.



Sentido Histórico da luta no interior do Partido

O assunto indicado neste capítulo é tratado nos artigos que Martov e Trotsky publicaram nos números 50 e 51 da *Neue Zeit*²³. Martov expõe aí os pontos de vista do menchevismo. Trotsky deixa-se arrastar pelos mencheviques ocultando a sua atitude atrás de frases sonoras. Para Martov, “a experiência russa” reduz-se à “vitória da grosseria blanquista e anarquista sobre a cultura marxista” (isto é, do bolchevismo sobre o menchevismo). “A socialdemocracia russa quis demasiado falar à russa” e não se inspirou suficientemente na tática “europeia”. Em Trotsky voltamos a encontrar uma “filosofia da história” análoga. Para ele, a causa da luta é “a adaptação dos intelectuais marxistas ao movimento de classe do proletariado”. No primeiro plano, Trotsky coloca “o espírito

23. Órgão teórico da socialdemocracia alemã antes da guerra, dirigido por Karl Kautsky. [Nota da Edição Francesa]

sectário, o individualismo dos intelectuais, o fetichismo ideológico". *"A luta para influenciar um proletariado ainda pouco amadurecido politicamente"*, tal é, segundo ele, o fundo da questão.

I

A teoria que vê na luta do bolchevismo contra o menchevismo uma luta para influenciar um proletariado ainda pouco amadurecido politicamente não é nova. Encontramo-la desde 1905 (ou 1903), em uma multidão de livros, de brochuras, de artigos da imprensa liberal.

É verdade que o proletariado russo é, no tocante a maturidade política, inferior ao proletariado ocidental. Contudo, de todas as classes da sociedade russa, foi precisamente o proletariado que deu provas da maior maturidade política. A burguesia liberal, que se conduziu entre nós de forma tão baixa, tão covarde, tão ridícula a tão traidora como a burguesia alemã em 1848, odeia o proletariado precisamente porque este se mostrou, em 1905, suficientemente maduro do ponto de vista político para lhe arrancar a direção do movimento e desmascarar impiedosamente a duplicidade dos liberais.

É uma ilusão acreditar, declara Trotsky, que o menchevismo e o bolchevismo lançaram raízes nas profundezas do proletariado.

Eis um espécime das frases sonoras e vazias na arte das quais o nosso Trotsky se tornou mestre. Não é "nas profundezas do proletariado", mas no *conteúdo econômico* da revolução russa que é necessário procurar as raízes do desacordo entre bolcheviques e mencheviques. É por ignorarem este conteúdo que Martov e Trotsky não viram o sentido his-

tórico da luta interna do Partido russo. O essencial não é saber se as fórmulas teóricas das nossas dissensões penetraram profundamente nesta ou naquela camada do proletariado; o importante é que as condições econômicas da revolução de 1905 conduziram o proletariado a tomar uma atitude hostil à burguesia liberal, não só na questão da melhoria das condições de existência dos operários, mas também na questão agrária e em todas as questões políticas da revolução. Falar das diferentes correntes em luta na revolução, limitando-se a colar-lhes as etiquetas de “sectarismo” ou de “grosseria”, e não dizer uma palavra sobre interesses econômicos fundamentais do proletariado, da burguesia liberal e do campesinato democrático é rebaixar-se ao nível dos jornalistas dos *boulevards*...

A luta do bolchevismo e do menchevismo está estreitamente ligada à história da primeira e da II Duma. Tratava-se de saber se era necessário sustentar os liberais; ou trabalhar para lhes arrancar a direção do campesinato. Por isso, explicar as nossas cisões pela influência dos intelectuais, pela imaturidade das massas, é repetir com uma ingenuidade pueril todas as lendas liberais.

Trotsky engana-se radicalmente, pela mesma razão, quando pretende que, na socialdemocracia internacional, as cisões se produziriam por causa da “adaptação da classe revolucionária às condições estreitas do parlamentarismo” e, na socialdemocracia russa, pela adaptação dos intelectuais ao proletariado.

Tal como a adaptação era politicamente limitada do ponto de vista do objetivo final, socialdemocrata, diz Trotsky, também suas formas eram incoerentes, e grande era a sombra ideológica que projetava.

Tal fraseologia verdadeiramente “incoerente” não passa de uma “sombra ideológica” do liberalismo. Martov e Trotsky põem no mesmo plano períodos históricos diferentes, opondo a Europa, que há muito havia concluído a sua revolução burguesa, à Rússia, que está em vias de fazer a sua. Na Europa, o trabalho socialdemocrata consiste essencialmente em preparar o proletariado para lutar pela conquista do poder contra a burguesia, que domina já completamente o Estado. Na Rússia trata-se simplesmente da fundação de um Estado burguês moderno, que será semelhante à monarquia dos *jun-kers* (no caso da vitória do czarismo sobre a democracia) ou da República camponesa, burguesa-democrática (no caso da vitória da democracia sobre o czarismo). Ora, a vitória da democracia na Rússia contemporânea só é possível se as massas rurais marcharem com o proletariado revolucionário e não com os liberais, que desempenham um papel duplo. Esta questão não está ainda historicamente resolvida. As revoluções na Rússia não terminaram ainda e, na luta pela forma do regime burguês na Rússia, o conteúdo político real do trabalho socialdemocrata é mais vasto do que nos países em que não há nenhuma luta pelo confisco das grandes propriedades pelos camponeses, em que as revoluções burguesas já terminaram há muito...

II

As considerações feitas por Martov sobre a revolução russa e as de Trotsky sobre a situação atual da socialdemocracia russa confirmam de forma concreta a falsidade dos seus pontos de vista essenciais.

Começemos pelo boicote. Martov chama ao boicote uma abstenção política, um processo de anarquistas e sindicalistas e, além disso, fala unicamente de 1906. Trotsky diz que a tendência para o boicote se manifesta através da história do bolchevismo: boicote dos sindicatos, da Duma do Império, das administrações locais, etc.; que esta tendência é o “resultado de um medo sectário de se mergulhar nas massas e representa o radicalismo da abstenção intransigente”. No que diz respeito ao boicote dos sindicatos e das administrações locais, Trotsky afirma coisas absolutamente falsas. É absolutamente falso que o boicote se manifeste através de toda a história do bolchevismo. Este constitui-se definitivamente enquanto corrente, na Primavera e no Verão de 1905, antes de ter surgido a questão do boicote. O bolchevismo declarou em agosto de 1906, no seu órgão oficial, que as condições históricas que tinham exigido o boicote tinham desaparecido.

Trotsky deforma o bolchevismo, porque nunca pode assimilar pontos de vista um pouco mais precisos sobre o papel do proletariado na revolução burguesa russa... Não tendo compreendido o significado histórico e econômico da separação dos elementos não socialdemocratas do POSDR na época da contrarrevolução, Trotsky fala aos seus leitores alemães da “desagregação” das duas frações, da “desagregação” e da “decomposição” do Partido.

Isto é falso. E este erro põe desde logo à vista a completa incompetência teórica de Trotsky. Este último *não* compreendeu absolutamente em nada por que é que o CC, na sua assembleia plenária, declarou que o liquidacionismo e o *otzovismo* eram a “manifestação da influência burguesa sobre o proletariado”.

Efetivamente, o Partido desagrega-se e decompõe-se ou, pelo contrário, consolida-se e saneia-se quando se afastam correntes que condenou e que representam a influência burguesa sobre o proletariado?

Em segundo lugar, este erro exprima na prática a política propagandista da fração Trotsky. Agora, desde que o representante do CC foi afastado da redação da *Pravda*, toda a gente vê que o trabalho de Trotsky não passa de uma tentativa de criação de uma fracção. Fazendo propaganda para a sua fração, Trotsky não se importa, de modo nenhum, de contar aos alemães que o Partido se desloca, que as duas fracções se desagregam, e que ele, Trotsky, salva tudo. Vimos agora – e a recente resolução dos trotskistas (em nome do Clube de Viena, em 26 de novembro de 1910) mostra-o com uma evidência particular – que, isolados, os liquidacionistas e os extremistas confiam em Trotsky.

Eis mais um exemplo que demonstrará até onde vai o descaramento de Trotsky, rebaixando o Partido e fazendo-se valer perante os alemães: Trotsky escreve que as massas operárias na Rússia olham “o Partido socialdemocrata como *de fora* do seu círculo” e fala dos “socialdemocratas sem social-democracia”.

Como a que Potressov e seus consortes não abraçariam Trotsky por semelhantes discursos?

Quando Trotsky fala em detalhe aos camaradas alemães da inépcia do otzovismo, que descreve como a “cristalização” de uma tendência para o boicote, natural em todo o bolchevismo e quando, a seguir, em duas palavras, recorda que “o bolchevismo não se deixou abater pelo otzovismo”, mas que o combateu resolutamente, ou melhor, com frenesi, o leitor alemão não pode perceber-se da sábia perfídia de semelhante exposição. A “restrição mental” jesuítica de Trotsky

consiste em calar um pequeno, um pequeníssimo “detalhe”. “Esquece-se” de referir que, desde a Primavera de 1909 a fração bolchevique, em uma assembleia oficial dos seus representantes, rejeitou, excluiu os otzovistas. Mas precisamente este “detalhe” embaraçava Trotsky, que queria a todo o custo falar da “desagregação” da fração bolchevique (e, em seguida, do Partido) e não da decadência dos elementos não socialdemocratas.

Vemos agora Martov como um dos chefes dos liquidacionistas, chefe tanto mais perigoso visto ser habilíssimo a defender os liquidacionistas com expressões quase marxistas. Mas Martov expõe abertamente concepções que influenciaram correntes inteiras do movimento operário de massa de 1903 a 1910, enquanto que Trotsky representa apenas as suas próprias flutuações e nada mais. Em 1903, era menchevique; afastou-se do menchevismo em 1904, para aí regressar em, 1905 fazendo alarde de uma fraseologia ultrarrevolucionária; afastou-se de novo em 1906; em fins de 1905 preconizava acordos eleitorais com os cadetes (isto é, estava realmente de novo com os mencheviques) e, na Primavera de 1907, declarava no congresso de Londres que se diferenciava de Rosa Luxemburgo “mais por nuances individuais do que por tendências políticas”. Hoje, Trotsky plagia a ideologia de uma fração, amanhã a de outra e, por isto, proclama-se acima das frações. Em teoria, Trotsky não está de acordo em nada com os liquidacionistas e os otzovistas, mas, na prática, está de acordo em tudo com os golossistas e o grupo *Vpériod*.

É por isso que, como Trotsky diz aos camaradas alemães que representa a “tendência geral do Partido”, eu tenho de declarar que ele apenas representa a sua fração e apenas goza de certa confiança junto dos otzovistas e dos liquidaci-

onistas. Eis fatores que mostram a exatidão da minha afirmação. Em janeiro de 1910, nosso Partido tinha estabelecido uma ligação estreita com o jornal de Trotsky, a *Pravda*, delegando um representante do CC para o conselho de redação. Em setembro de 1910, o órgão oficial central do Partido publica um artigo no qual se diz que o representante do CC teve de romper com Trotsky porque este conduzia uma política contrária ao espírito do Partido. Em Copenhague, Plekhanov, na qualidade de representante dos mencheviques *partítsi* e de delegado da redação do órgão central, o autor destas linhas, na qualidade de representante dos bolcheviques, e um camarada polonês ergueram um protesto categórico contra a forma como Trotsky relata, na imprensa alemã, os assuntos do nosso Partido.

Que o leitor julgue agora se Trotsky representa a “tendência geral do Partido” ou se representa uma tendência da socialdemocracia russa geralmente hostil ao Partido.

Abril de 1911

V. I. Lenin: *“O sentido histórico da luta no interior do Partido na Rússia”*
Obras completas, tomo XV, pp. 10-23, ed. r.



Extrato de uma resolução do 2.º “Grupo Parisiense do POSDR”²⁴

Pessoas como Trotsky, com suas frases ininteligíveis sobre o POSDR, são “a praga do nosso tempo”. Querem fazer facilmente sua carreira pregando o acordo com toda gente, mesmo com Potressov e os otzovistas, e forçosamente guardam silêncio sobre as condições políticas deste acordo. Na realidade, pregam a capitulação perante os liquidacionistas, perante os fundadores de um partido operário estolipiniano...

A assembleia chama a atenção dos operários socialdemocratas sem distinção de fração para o fato de que os chefes estrangeiros do grupo *Vpériode* e o redator do *Pravda*, Trotsky, conduzem uma política de apoio aos liquidacionistas e de união com estes contra o Partido e as suas decisões.

Julho de 1911

V. I. Lenin: “*Resolução do 2.º grupo parisiense do POSDR*”
Obras completas, tomo XV, pp. 197-200, ed. r.



A todas as organizações, grupos, círculos do Partido Socialdemocrata

*Manifesto da Comissão de organização para a
convocação de uma conferência pan-russa*

Trotsky, naturalmente, obrigou-se a repetir todos os can-cans dos liquidacionistas estrangeiros sobre a pretensa

24. Esta resolução foi escrita por Lenine. [Nota da Edição Francesa]

apropriação do dinheiro do Partido pela Conferência e sobre as “expropriações no interior do Partido” (ver o n.º 21 da *Pravda* em que Trotsky, “com a morte na alma”, reproduz todas estas histórias). Não iremos incidir novamente nesta triste campanha. Trotsky, como todos os outros membros do Partido que leem o órgão central, sabe muito bem que o CC, reunido em sessão plenária, submeteu esta questão do dinheiro à decisão de três camaradas estrangeiros, que gozam de grande autoridade junto dos operários russos. O Partido publicou sua decisão sobre este assunto no n.º 11 do órgão central. Ora, agora que estes camaradas se pronunciaram contra os planos cisionistas dos golossistas e exprimiram sua confiança no nosso Comitê de organização, Trotsky solta altos gritos a propósito das expropriações no interior do Partido.

Um pouco de pudor, senhores! Diremos a Trotsky e aos da sua laia: não levanteis uma miserável e vergonhosa campanha de mentiras à volta desta questão de dinheiro. Não façais assim a felicidade dos Menchikov e dos Izgoïev! A decisão dos camaradas estrangeiros sobre esta questão de dinheiro é formalmente obrigatória para todos nós – assim decidiu o Partido – e moralmente é ainda mais. Porque, camaradas, sabeis quem são estes “detentores” estrangeiros que, segundo parece, sancionam e encobrem “expropriações no interior do Partido”. São Karl Kautsky, Franz Mehring e Clara Zetkin, nossos guias, cujos nomes são queridos a todos os socialdemocratas russos...

Assinalemos ainda uma característica geral das intervenções do grupo de Trotsky sobre as questões de tática e sobre as questões de princípio no Partido. No seu arsenal, Trotsky só encontra armas contra a esquerda do Partido. Diga-se a propósito, que tal política apenas serve aos golos-

sistas e aos oportunistas de todas as espécies. Daí a unanimidade palpável que se estabeleceu entre o grupo Trotsky e o *Goloss*, órgão da liquidação do Partido. Estranha forma de estar fora das frações!

1º de Agosto de 1911

“Documentos e materiais”
Obras completas de Lenin, tomo XV, p. 593, ed. r.



Nota da Redação sobre a correspondência de São Petersburgo

Trotsky e todos os conciliadores do seu tipo são bastante mais perigosos do que os próprios liquidacionistas. Efectivamente, os liquidacionistas convictos expõem abertamente seus pontos de vista aos operários e é fácil mostrar-lhes seus erros, enquanto que os trotskistas enganam os operários, dissimulam o mal e tornam impossível o diagnóstico e a cura. Sustentar o grupo Trotsky é ajudar a enganar os operários, é ocultar o “liquidacionismo”. Dar, na Rússia, inteira liberdade de ação a Potressov e consortes e, no estrangeiro, ocultar os seus atos com frases revolucionárias, tal é o fundo da política trotskista.

1º de Setembro de 1911

V. I. Lenin: “*Do campo do Partido ‘operário’ estolipiniano*”
Obras completas, tomo XV, p. 218, ed. r.



A nova fração dos Conciliadores ou os Virtuosos

O “conciliacionismo” é um conjunto de tendências, de aspirações, de pontos de vista, estreitamente ligados à própria essência do problema que se punha perante o POSDR, na época da contrarrevolução (1908-1911). O seu porta-voz mais consequente foi Trotsky...

Trotsky e os “trotskistas inconsequentes” asseguram que não formam uma fração pois... o único objetivo do seu grupo (em fração) é precisamente a destruição de todas as frações, a propaganda da unificação, etc. Mas todas as afirmações deste gênero não passam de gabarolices e de subterfúgios pela simples razão de que o fato da existência de uma fração não poderia ser invalidado pelo objetivo que prossegue, seja qual for, aliás, a excelência deste objetivo...

Trotsky fornece-nos inúmeros projetos de unificação sem nenhum *princípio na* base. Para tomar um exemplo recente, recordemos como ele punha nas nuvens a *Via Ouvrière*²⁵ de Paris, dirigida por um comitê partidário de “conciliadores” e golossistas. Eis, dizia, um exemplo admirável: “nem bolchevique, nem menchevique, mas socialdemocrata revolucionário”. Só que o nosso tagarela esquecia que não há socialdemocrata revolucionário a não ser aquele que compre-

25. Órgão mensal “operário socialdemocrata”, publicado em 1911 em Paris, em língua russa, onde colaboraram “bolcheviques conciliadores” e liquidacionistas. [Nota da Edição Francesa]

ende o quanto é nocivo o pseudo-socialdemocratismo, o socialdemocratismo antirrevolucionário, isto é, o liquidacionismo e o otzovismo na Rússia de 1908-1911, e que sabe lutar contra essas tendências, contrárias ao espírito socialdemocrata.

18 de Outubro de 1911

V. I, Lenin: *“Sobre a nova fracção dos conciliadores ou virtuosos”*
Obras completas, tomo XV, p. 228-238, ed. r.



A Diplomacia de Trotsky e a plataforma dos “Partiitsi”

Eis um editorial pomposo de título sonoro: “Avante!”²⁶: Operários conscientes, diz-se neste artigo, vós não tendes presentemente palavra de ordem mais importante e mais geral do que a de liberdade de associação, de reunião e de greve.

A socialdemocracia, lemos mais adiante, convida o proletariado à luta pela República. Mas para que esta luta não seja a palavra de ordem oca de alguns eleitos é preciso que vós, operários conscientes, ensineis as massas a compreender a necessidade da liberdade de coligação e de lutar por esta reivindicação.

A frase revolucionária serve aqui para mascarar e justificar a falsidade do liquidacionismo. Porque é que a palavra

26. O artigo “Avante!” foi publicado na *Pravda* de Trotsky como correspondência de São Petersburgo. [Nota da Edição Francesa]

de ordem da República é uma palavra de ordem oca para alguns, quando a República significa a impossibilidade de dissolver a Duma? Liberdade de coligação e de Imprensa? Libertação dos camponeses submetidos às violências e às cobranças de impostos de Markov, Romanov, Pourichkévitche? Não é evidente que é preciso substituir aqui os termos e que é a palavra de ordem de coligação que fica “oca” e vazia de sentido se não se liga à palavra de ordem de República?

É inútil exigir à monarquia czarista a “liberdade de associação” se não se explica às massas a incompatibilidade desta liberdade com o czarismo e a necessidade da República para tal liberdade. A apresentação na Duma de projetos de lei sobre a liberdade de associação, as interpelações e os discursos devam precisamente fornecer-nos, a nós, socialdemocratas, ocasião e objeto da propaganda a favor da República.

“Os operários conscientes devem ensinar as massas a compreender, pela experiência, a necessidade da liberdade de associação”. Este é o velho refrão do antigo oportunismo russo, já tão repisado pelos economistas. A experiência verdadeira das massas é a dissolução dos seus sindicatos pelo ministro, as violências cotidianas dos governantes e dos chefes da polícia. Mas colocar em primeiro plano a palavra de ordem da liberdade de associação e não a de República, é frasar como intelectual oportunista afastado das massas.

Trotsky sabe muito bem que, nas suas publicações legais, os liquidacionistas unem precisamente a palavra de ordem de liberdade de associação às palavras de ordem: Abaixo o partido ilegal! Abaixo a luta pela República! A tarefa de Trotsky consiste em encobrir o “liquidacionismo” lançando poeira aos olhos dos operários.

É impossível discutir com Trotsky sobre o fundo das questões, porque ele não tem nenhuma ideia firme. Pode-se

e deve-se discutir com os liquidacionistas e com os otzovistas convictos, mas não se deve discutir com um homem que se diverte a encobrir os erros de uns e de outros: deve-se desmascará-lo como um diplomata de baixo calibre.

8 de Dezembro de 1911

V. I. Lenin: *«Sobre a diplomacia de Trotsky e uma plataforma dos liquidadores»*
Obras completas, tomo XV. pp. 302-304, ed. r.



Os liquidacionistas contra o Partido

O pobre homem mentiu de novo, e novamente se enganou nos seus cálculos²⁷.

O bloco preparado com tanto barulho contra a Conferência de 1912, sob a alta direção dos liquidacionistas, desagra-se agora por todos os lados porque os liquidadores deixaram transparecer demasiado as suas intenções. Os camaradas poloneses recusaram participar no comitê de organização. Plekhanov, na sequência de uma correspondência trocada com o representante deste comitê, chegou a precisar alguns detalhes curiosos: 1) que a conferência projetada deve ser a conferência “constituente” de um novo partido; 2) que a

27. Trata-se aqui de uma comunicação da *Pravda* trotskista segundo a qual mencheviques partiitsi e liquidacionistas estariam dispostos a apoiar o trabalho do comitê de organização proposto por Trotsky. [Nota da Edição Francesa]

convocação desta conferência assenta num princípio anarquista; 3) que esta conferência é convocada pelos liquidacionistas.

Tendo o assunto sido deste modo esclarecido por Plekhanov, não é de admirar que os “bolcheviques-conciliadores” se tenham armado de coragem e resolvido apanhar em flagrante delito de mentira Trotsky que os colocou entre os partidários do comitê de organização.

Este comitê em sua composição atual, com desejo evidente de impor a todo o Partido sua atitude organizada, não oferece a menor garantia da convocação de uma verdadeira Conferência de todo o Partido.

É isto o que hoje dizem os nossos partiitsi. Onde estão, pois, agora nossos extremistas que outrora se tinham apressado a manifestar a sua simpatia ao comitê da organização? Não sabemos, o que aliás pouco interessa. O que interessa, é que foi irrefutavelmente estabelecido por Plekhanov o caráter liquidador da conferência convocada pelo comitê da organização e os conciliadores tiveram de aceitar este fato. Que resta então? Os conciliadores evidentes e Trotsky...

Neste bloco, os liquidacionistas continuam a gozar inteira liberdade de prosseguir sua linha de ação no *Jivoié Di-éio*²⁸ e no *Nacha Zaria*²⁹ e, no estrangeiro, Trotsky encarrega-se de os encobrir com sua fraseologia revolucionária, que nada lhe custa e que em nada compromete os seus aliados.

Esta história comporta uma lição para os que, no estrangeiro, suspiram pela unidade e recentemente publicaram em Paris uma folha chamada *Pour le Parti*. Para construir o

28. Órgão dos liquidacionistas. [Nota da Edição Francesa]

29. Órgão da ala direita dos liquidacionistas, que defendia a criação de um novo partido operário legal reconhecido pelo czarismo. [Nota da Edição Francesa]

Partido, não basta gritar pela unidade, é necessário ter um programa político, um programa de ação. O bloco dos liquidacionistas, de Trotsky, dos extremistas, dos poloneses, dos bolcheviques-partiitsi, dos mencheviques de Paris estava condenado a desmorronar-se, porque assentava na ausência de princípios, na hipocrisia e na fraseologia oca. Quanto aos suspiradores, fariam bem em começar por saber com quem é que querem a unidade. Se a querem com os liquidacionistas, porque é que não o dizem sem rodeios? Se são contra a fusão com os liquidacionistas, por que unidade é que suspiram?

Só a Conferência de Janeiro e os órgãos eleitos por ela unem presentemente todos os militantes do POSDR. Fora desta Conferência não há nada, a não ser as promessas dos bundistas e de Trotsky relativas à convocação de uma conferência “liquidacionista”.

25 de Abril de 1912

V. I. Lenin: *“Os liquidacionistas contra o Partido”*
Obras completas, tomo XV, pp. 461-463, ed. r.



A Desagregação do Bloco de Agosto

Todos os que se interessam pelo movimento operário e pelo marxismo na Rússia sabem que em agosto da 1912 se constituiu um bloco composto pelos liquidacionistas, por Trotsky, pelos letões, pelos bundistas e pelos caucasianos...

Desde então, passou-se exatamente um ano e meio. Ora, em fevereiro de 1914, Trotsky, o “verdadeiro” defensor da plataforma de Agosto, funda uma nova revista que, desta

vez, “nada tem de fracionista” e que se propõe como objetivo a “unificação” do Partido...

Como então dissemos, o Bloco de Agosto de 1912 tinha como único fim mascarar os liquidacionistas. Ei-lo dissolvido. Nem mesmo os seus amigos russos puderam permanecer unidos. Os unificadores não conseguiram unir-se entre si e daí resultaram duas tendências “de Agosto”: os partidários do *Loutch* (*Nacha Zaria* e *Journal Ouvrier du Nord*) e os trotskistas (*Borba*). Os dois campos brandiam cada um, um farrapo da bandeira do bloco de Agosto e gritavam com toda a força; “Unidade!”

Qual é a tendência da *Borba*?

Os liquidacionistas têm uma fisionomia especial: são liberais e não marxistas. Trotsky não tem fisionomia nenhuma, nem nunca a teve; limita-se a andar de cá para lá, entre os liberais e os marxistas e a lançar palavras de efeito e frases sonoras.

Não se encontra na *Borba* nenhuma opinião precisa sobre nenhuma das questões litigiosas.

Isto parece inverossímil e, contudo, é verdadeiro. Nem uma palavra sobre a questão do trabalho clandestino.

Trotsky partilha as ideias da Axelrod, Zassoulitch, Dan, Sedov³⁰? Não diz nada sobre isso. É a favor de um partido legal? É impossível fazer com que o diga. Nem sequer uma palavra sobre os discursos liberais dos Ejev e dos outros loutchistas a propósito das greves. Silêncio total sobre a revogação do programa relativo à questão nacional. Nem uma palavra sobre as intervenções de L. Sedov e dos outros loutchistas contra as três palavras de ordem adotadas pelos bolcheviques depois dos acontecimentos do Lena.

30. Axelrod, Zassúlitch, Dan e Sedov pertenciam aos liquidacionistas. [Nota da Edição Francesa]

Trotsky afirma que é pela união das reivindicações parciais e do objetivo final, mas não diz absolutamente nada sobre o que pensa relativamente à realização desta união pelos liquidacionistas.

28 de Maio de 1914

V. I. Lenin; *“A desagregação do bloco de Agosto”*
Obras completas. tomo XVII, pp. 251-253. ed. r.



A violação da unidade ao grito de “Viva a Unidade!”

Os velhos militantes marxistas russos conhecem bem Trotsky e é inútil falar-lhes dele. Mas a jovem geração operária não o conhece e é necessário falar-lhe dele, porque é uma figura típica dos cinco grupos estrangeiros que flutuam entre os liquidacionistas e o Partido.

No tempo da velha *Iskra* (1901-1903), estes elementos hesitantes que iam continuamente dos economicistas para os iskristas e vice-versa, eram denominados “equilibristas”.

Nós entendemos por “liquidacionismo” uma corrente ideológica que tem a mesma fonte do menchevismo e do economicismo, que se desenvolveu no decurso dos últimos anos e cuja história se ligou intimamente à política e à ideologia da burguesia liberal.

Os “equilibristas” proclamam-se acima das frações, pela simples razão de que tomam as suas ideias emprestadas, agora a uma fração, logo a uma outra. De 1901 a 1903,

Trotsky foi um iskrista fioso e, no congresso de 1903, foi, segundo Riazanov, o “cacete de Lenin”. Em fins de 1903, torna-se menchevique encarniçado, isto é, troca os iskristas pelos economicistas e declara que existe um abismo entre a antiga e a nova *Iskra*. Em 1904-1905, afasta-se dos mencheviques sem, todavia, se conseguir fixar, colaborando agora com Martynov (economicista), proclamando logo a doutrina ultra esquerdista da “revolução permanente”. Em 1906-1907, reaproxima-se dos bolcheviques e declara-se solidário com a posição de Rosa Luxemburgo.

No período da emigração, após longas tergiversações, evolui de novo para a direita, e em agosto de 1912, faz bloco com os liquidacionistas. Agora, abandona estes últimos, embora repita as suas ideias.

Tais tipos são característicos, enquanto despojos de grupos e formações históricas do último período, quando a massa operária russa estava ainda em letargia como uma corrente, uma fração, “em potência” e cada grupo podia dar-se ao luxo de se apresentar negociando a sua ação com uma outra. É preciso que a jovem geração russa saiba com quem tem de se haver, quando pessoas erguem pretensões inacreditáveis e não querem ter em atenção nem as decisões pelas quais o Partido determinou, em 1908, a sua atitude face ao “liquidacionismo”, nem a experiência do movimento operário russo contemporâneo, que realizou, de fato, a unidade da maioria na base do reconhecimento integral destas decisões.

8 de Maio de 1914

V. I. Lenin: “Sobre a violação da unidade ao grito de «Viva a unidade!»”
Obras completas, tomo XVII, pp. 393-394, ed. r.

TROTSKY E A GUERRA

Trotsky e a Guerra

A guerra não modificou sensivelmente os agrupamentos da socialdemocracia russa. Enquanto que, desde o princípio, os bolcheviques adotaram uma posição resolutamente hostil à guerra (“transformação da guerra imperialista em guerra civil”), os mencheviques, em sua maior parte, enfileiraram do lado da burguesia e tornaram-se social-patriotas.

Trotsky ocupou uma posição de “conciliação”, (“nem vitória nem derrota”), quando toda a conciliação entre estas duas atitudes radicalmente opostas era não só impossível, mas ter-se-ia mesmo revelado funesta à causa do proletariado revolucionário. No fundo, Trotsky (como Kautsky na Alemanha, Longuet na França) apenas entravava a obra de clarificação ideológica dos bolcheviques e prestava assim o seu apoio aos sociais-chauvinistas mais desesperados.

Nos textos que seguem, que não necessitam de quaisquer outros comentários, Lenin precisa com clareza admirável a posição de Trotsky e as consequências que esta acarreta.



O Kautskismo

(...) Este erro fundamental que é o kautskismo toma formas diversas conforme os países... Na Rússia, Trotsky, embora refutando esta ideia, preconiza a unidade com o grupo oportunista e chauvinista da *Nacha Zaria*. Na Romênia, Rakovski declara a guerra ao oportunismo, ao qual imputa a falência da Internacional, contudo, ao mesmo tempo, está

pronto a reconhecer a ideia da defesa da pátria. Tudo isto é a manifestação do mal a que os marxistas holandeses (Horter, Pannekoek) chamaram o “radicalismo passivo” e que conduz, em teoria, a substituir o ecletismo ao marxismo revolucionário e, na prática, a rojar-se diante do oportunismo.

Agosto de 1915

V. I. Lenin: “*O socialismo e a guerra*”
Obras completas, tomo XVIII, p. 203, ed. r.



Sobre o derrotismo durante a Guerra Imperialista

Em uma guerra reacionária, a classe revolucionária apenas pode desejar a derrota do seu governo.

Isto é um axioma. Apenas é contestado pelos partidários conscientes³¹ ou pelos servidores impotentes dos social-chauvinistas. Entre os primeiros, pode citar-se Semkovsky, do CO; entre os segundos, Trotsky e Boukvoïed, e na Alemanha, Kautsky. Desejar a derrota da Rússia, escreve Trotsky, é “uma concessão injustificada à metodologia política do social-patriotismo, que substitui por uma orientação arbitrária, no sentido do mal menor, a luta revolucionária contra a guerra e as causas que a engendraram” (número 115 do *Naché Slovo*).

Eis a amostra das frases enredadas por meio das quais Trotsky não cessa de justificar o oportunismo. A expressão “luta revolucionária contra a guerra” é absolutamente vazia

31. Da intervenção da guerra.

de sentido se não se entenda por ela a ação revolucionária contra o governo do seu país durante a guerra...

Esperando sair-se bem com algumas frases, Trotsky enreda-se ainda mais. Parece que desejar a derrota da Rússia, é desejar a vitória da Alemanha (Boukvoïed e Semkovsky exprimem francamente tal "ideia", que partilham com Trotsky). E é nisto que Trotsky vê a "metodologia do social-patriotismo". A fim de vir em socorro das pessoas que não sabem pensar, a resolução de Berna explica (número 40 do *Sotsial-Demokrat*) que, em todos os países imperialistas, o proletariado deve desejar agora a derrota do seu governo. Boukvoïed e Trotsky preferiram calar-se sobre esta verdade...

A renúncia ao derrotismo faz do "revolucionarismo" uma palavra vazia ou uma hipocrisia...

"Nosso voto de 4 de agosto significa que não somos pela guerra, mas que somos contra a derrota", escreve o líder dos oportunistas, E. David, no seu livro. Os membros do C. O., com Boukvoïed e Trotsky, adotam inteiramente a plataforma de David assumindo a defesa da palavra de ordem: "Nem vitória, nem derrota".

Quem reconhece esta palavra de ordem não passa de um hipócrita quando declara que é pela luta de classes e pela ruptura da "união sagrada". De fato, renuncia a uma política proletária independente e subordina o proletariado dos países beligerantes a um objetivo puramente burguês: evitar que seu governo imperialista seja derrotado. Para o proletariado, a única política de luta de classes e de ruptura da união sagrada é a que consiste em explorar as dificuldades do seu governo e da sua burguesia para os derrubar, e não é possível aspirar, nem atingir tal objetivo sem desejar a derrota do seu governo, sem colaborar nesta derrota...

Quem defenda a palavra de ordem: “Nem vitória, nem derrota” é um chauvinista consciente ou inconsciente, quanto muito um pequeno-burguês conciliador, mas, em qualquer dos casos, inimigo da política proletária, um partidário dos governos e das classes dirigentes atuais.

25 de Julho de 1915

V. I. Lenin: *“Sobre o derrotismo durante a guerra imperialista”*
Obras completas, p. 169-173, ed. r.



Os objetivos da oposição na França

A cisão do movimento operário e do socialismo no mundo inteiro é um fato patente. Na questão de guerra, estão em presença duas táticas e duas políticas opostas da classe operária. Seria ridículo fechar os olhos a este respeito. Tentar conciliar o inconciliável equivale a condenar-se à impotência...

No mundo inteiro, o quadro é o mesmo. Os diplomatas impotentes, os homens do “pântano”, como Kautsky na Alemanha, Longuet na França, Martov e Trotsky na Rússia, causam o maior prejuízo ao movimento operário defendendo a ficção da unidade e impedindo assim a união indispensável da oposição de todos os países, a criação da III Internacional.

8 de Fevereiro de 1916

V. I. Lenin: *“Sobre as tarefas da oposição em França”*
Obras completas, tomo XIX, pp. 21-22, ed. r.

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

A Revolução de Outubro

Trotsky só aderiu ao Partido bolchevique no VI Congresso do POSDR (bolchevique) que se realizou semiclandestinamente em Petrogrado de 8 a 16 de agosto de 1917. Na véspera das jornadas decisivas de Outubro, quando Zinoviev e Kamenev se conduziam como “fura-greves”, revelando à burguesia os planos bolcheviques da insurreição, Trotsky combateu também Lenin em relação ao plano e à data da insurreição armada; exigia que a tomada do poder fosse objeto de uma decisão do próximo Congresso dos Sovietes, o que tendia a retardar a sublevação e a deixar passar o momento mais favorável, a desmoralizar as massas trabalhadoras e a comprometer todas as possibilidades de sucesso da revolução. Lenin reagiu com vigor contra este ponto de vista errado, contra este retardamento.



A Crise está madura

Que fazer? (...) reconhecer que temos no CC e nos meios dirigentes do Partido uma tendência ou uma nuance de opinião que quer *esperar* pelo Congresso dos Sovietes e se pronuncia *contra* a tomada imediata do poder, *contra* a Insurreição imediata. Esta tendência, ou esta nuance da opinião deve ser *vencida*³².

32. Trata-se do grupo formado por Zinoviev, Kamenev, Trotsky e seus adeptos. Cf. introdução acima.

Senão, os bolcheviques *desonram-se para sempre e desaparecem* enquanto partido. Deixar escapar a ocasião presente e “esperar” pelo Congresso dos Sovietes seria *idiotice completa* ou *traição completa*.

Traição completa face aos operários alemães. Porque não vamos do mesmo modo esperar o *princípio* da sua revolução! Quando ela rebentar, os Liber-Dan³³ serão também da opinião de a “apoiar”. Mas ela *não pode* começar enquanto Kerensky, Kishkine & Cia estiverem no poder.

Traição completa face aos camponeses. Deixar reprimir o movimento camponês quando se tem os Sovietes das duas *capitais*, *é perder e perder merecidamente* a confiança dos camponeses, *é cair aos olhos dos camponeses ao nível dos Liber-Dan e de outros pulhas*.

“Esperar” o Congresso dos Sovietes é uma idiotice completa, porque é perder semanas, e as semanas, e mesmo os dias hoje decidem *tudo*. É renunciar covardemente à tomada do poder, porque ela será impossível a 1 ou 2 de novembro (por razões políticas e técnicas: eles não deixarão de concentrar cossacos para o dia estupidamente “fixado” da insurreição).

“Esperar” o Congresso dos Sovietes é uma idiotice, porque o Congresso não dará nada, *ele não pode dar nada!*

28 de Setembro de 1917

V. I. Lenin: *“A crise está madura”*
Obras completas, tomo XX, p. 296, E. S. I.

33. Socialdemocratas mencheviques de direita. [Nota da Edição Francesa]



Contra o retardamento

Emprego todas as minhas forças para convencer os camaradas que agora tudo está preso por um fio, que se põem na ordem do dia questões que não podem ser decididas, nem por meio de conferências, nem por Congressos (mesmo no caso de estes serem Congressos dos Sovietes), que só podem ser decididos pelos povos, pelas massas, pela ação das massas em armas...

É necessário, seja por que preço for, esta tarde, esta noite³⁴, prender o governo depois de se ter desarmado os jun-kers (e de os ter batido, se resistirem), etc.

Já não é possível esperar! Seria arriscarmo-nos a perder tudo!

A defesa do *povo* (não de um Congresso, mas do povo, o exército e os camponeses, em primeiro lugar) contra o governo de Kornilov, eis o conteúdo da tomada imediata do poder.

Todos os distritos, todos os regimentos, todas as forças devem ser mobilizadas já e devem enviar imediatamente

34. A tarde de 24 de outubro do antigo calendário russo corresponde ao 6 de novembro do nosso calendário. Esta insistência de Lenin em não esperar nem sequer mais 24 horas para desencadear a insurreição demonstra a importância que justamente dava a uma ação decidida, imediata, rápida. 24 horas poderia parecer, à primeira vista, uma bagatela, e a divergência com Trotsky poderia parecer não essencial. Na realidade, era uma divergência profunda e do triunfo de um ou de outro ponto de vista dependia a sorte da revolução. Algumas horas de descanso deixadas ao governo provisório de Kerensky ter-lhe-iam permitido concentrar as suas forças. O começo da revolta na tarde de 24, assegurará pelo contrário o sucesso da Revolução de Outubro. [Nota da Edição Francesa]

delegações ao Comitê Militar Revolucionário e ao CC bolchevique, exigindo imperiosamente que, até ao dia 25, o Poder não seja deixado, em nenhum caso, de maneira nenhuma, a Kerensky & Cia; é absolutamente necessário que esta questão seja decidida esta tarde ou esta noite.

A história não perdoaria nenhum retardamento aos revolucionários que hoje podem vencer (e vencerão hoje com certeza), mas que amanhã arriscariam perder muita coisa, arriscariam perder tudo.

Tomando o poder hoje, não o tomamos contra os Soviéticos, tomamo-lo para eles.

A tomada do poder será a obra da insurreição; o seu conteúdo político será precisado em seguida.

Seria nefasto ou formalista esperar o voto indeciso de 25 de outubro. O povo tem o direito e o dever de resolver estas questões pela força e não pelo voto; o povo tem o direito e o dever de dirigir, nos momentos críticos da revolução, os seus representantes, mesmo os melhores, em vez de esperar.

A história de todas as revoluções provou-o, e os revolucionários que deixassem escapar o momento, mesmo sabendo que a salvação da revolução, a proposta de paz, a salvação de Petrogrado, o remédio contra a fome, a transmissão da terra dependia deles, cometeriam o maior de todos os crimes.

O governo hesita. É preciso *acabar* com ele, custe o que custar. Retardar a ação, é a morte.

24 de Outubro de 1917

V. I. Lenin: "Carta aos membros do Comitê Central"
Obras completas, tomo XXI, pp. 438-439, E. S. I.

A PAZ DE BREST-LITOVSK

A Paz de Brest-Litovsk

Em 1918, durante as conversações de paz em Brest-Litovsk, os “comunistas de esquerda”, dirigidos por Bukharin e Piatakov, ergueram-se com violência contra a justa política de Lenin, preconizando, sob a palavra de ordem de “guerra revolucionária”, que a fraqueza militar do jovem poder dos Sovietes tornava impossível, uma tática de aventuras que teria conduzido à ruína o governo operário e camponês.

Trotsky, uma vez mais, adotou uma posição conciliadora, que se opunha de fato à posição leninista e servia os “comunistas de esquerda”.

A palavra de ordem trotskista era “nem guerra nem paz”, isto é, cessar a guerra, mas não assinar a paz! O que apenas podia lançar a confusão entre as massas operárias e camponesas e o que foi utilizado pelo imperialismo alemão para continuar as operações militares e conquistar novos territórios soviéticos.

Durante as conversações com o comando alemão, Trotsky violou conscientemente as instruções de Lenin e do Comitê Central, recusando-se à conclusão imediata da paz, o que acarretou para a República dos Sovietes condições de paz ainda mais desvantajosas. Somente a firmeza de Lenin e da maioria bolchevique assegurou então a salvação do poder dos Sovietes.

Eis alguns breves extratos em que Lenin mostra a inconsciência da posição trotskista:



A falsa tática de Trotsky

A tática de Trotsky tornou-se falsa quando se declarou findado o estado de guerra, sem que a paz fosse *assinada*. Eu propus categoricamente que se assinasse a paz. Nós não podíamos obter uma paz melhor que a de Brest-Litovsk...

Quando o camarada Trotsky formula novas reivindicações: “Assumam o compromisso de não assinar a paz com Vinnichenko” – eu digo que não desejo, de forma nenhuma, assumir esse compromisso... Isso seria, em vez de seguir uma linha clara que consiste em manobrar – recuando e, por vezes, *quando* isto é possível, passando à ofensiva – amarrar novamente as mãos, por meio de um compromisso puramente formal...

O camarada Trotsky diz que a paz seria uma traição no sentido pleno do termo. Eu afirmo que esse é um ponto de vista absolutamente errôneo. Para o mostrar concretamente, tomarei um exemplo. Dois homens passeiam. Dez homens atacam-nos. Um defende-se e o outro escapa. Isto é uma traição, mas se dois exércitos de 100 mil homens estiverem frente a cinco exércitos, e se um deles for cercado por 200 mil homens e o outro, que o deveria socorrer, souber que 300 mil homens lhe preparam uma emboscada, poderia, a partir deste momento, ir em socorro do primeiro?

Não, não poderia. Isto não é uma traição, nem é covardia.

Uma simples mudança de número modificou todas as noções, qualquer militar sabe, não se *trata* aqui de ideias pessoais; poupo o meu exército; que o outro seja feito prisioneiro, seja, eu reconstituirei o meu, tenho aliados, esperarei, eles chegarão. Só se pode raciocinar deste modo, mas quando

às considerações de ordem militar vêm acrescentar-se considerações de outra ordem, já não há senão frases, nada mais. Fazer política assim não é possível.

8 de Março de 1918

V. I. Lenin: *“Discurso de conclusão sobre a guerra e a paz”*
VII Congresso do Partido Comunista da Rússia
Obras completas, tomo XII, pp. 333-334, ed. r.

TROTSKY E OS SINDICATOS

Trotsky e os sindicatos

Durante os anos da guerra civil, o Partido levantou-se muitas vezes contra Trotsky.

Todas as operações decisivas do Exército Vermelho que levaram à derrota de Koltchak, Denikin e outros guardas-brancos, foram conduzidas contra os planos de Trotsky. Só se esmagou Koltchak desde que a proposta de Trotsky de suspender a ofensiva contra Koltchak foi rejeitada e que o CC, com Lenin à cabeça, tomou resolução de mobilizar forças necessárias para atacar os guardas-brancos na frente oriental.

Do mesmo modo, só desde que Lenin confirmou, no Outono de 1919, o plano de operações contra Denikin, proposto por Stalin, e que se afastou completamente Trotsky da direção das operações na frente Sul, é que Denikin foi derrotado.

O mesmo se passou em numerosas outras questões relativas à luta armada do proletariado da República Soviética. A criação de um poderoso Exército Vermelho, as vitórias heroicas deste exército, a derrota dos guardas-brancos, tudo isso se deve à direção de Lenin e de Stalin, à sua luta contra o trotskismo.

Em fins de 1920, na véspera da NEP, surgiu no Partido uma discussão sobre o papel dos sindicatos. E, também aí, Trotsky encabeçou a luta contra Lenin. Propôs “estatizar os sindicatos”, isto é, transformá-los em simples apêndices do aparelho de Estado.

Negando o papel dos sindicatos que Lenin, considerava como uma escola do comunismo, Trotsky destruía um

dos principais fundamentos da ditadura do proletariado. Lenin dizia que a política de Trotsky tendente a estatizar e a “sacudir” os sindicatos só conduziria a uma cisão entre o Partido Comunista e os sindicatos e desligaria destes as massas trabalhadores. É o que Lenin explica nas passagens seguintes:



Sobre os sindicatos, o momento presente e o erro do camarada Trotsky

I

Tratando do papel dos sindicatos na produção, Trotsky comete um erro fundamental: fala constantemente do “princípio geral”. Em todas as suas teses, foca a questão sob o ângulo do “princípio geral”. Esta é uma forma de proceder radicalmente errônea. O IX Congresso do Partido já falou mais do que o necessário sobre o papel dos sindicatos na produção...

O erro capital de Trotsky consiste em puxar para trás o Partido Soviético, pondo agora a questão de “princípio”. Graças a Deus, já passamos dos princípios ao trabalho prático, ativo. Em Smolny³⁵, falamos sobre os princípios, e algo mais do que teria sido necessário. Agora, três anos depois, temos, relativamente aos elementos constitutivos da questão da produção, decretos que, infelizmente, assinamos para logo a seguir nós próprios os esquecermos e não os aplicarmos. E, depois, pomo-nos a inventar desacordos de princípio. Mais adiante, referirei um decreto relativo ao papel dos sindicatos na

35. Quartel-general do Soviete e dos bolcheviques em Petrogrado durante as jornadas de Outubro. [Nota da Edição Francesa]

produção, decreto que todos esquecemos, mesmo eu, tenho de confessá-lo.

Os desacordos reais existentes, abstraindo os que enu-merei, não têm absolutamente nada a ver com os princípios gerais. Eu próprio tive de enumerar os meus “desacordos” com Trotsky, pois, neste vasto assunto: papel, tarefas dos sindicatos, acho que Trotsky caiu em uma série de erros ligados à própria essência da questão da ditadura do proletariado. Mas, abstraindo disso, porque é que não temos essa coordenação do trabalho que nos é tão necessária? Devido a um de-sacordo sobre os métodos a empregar para abordar as mas-sas, para exercer uma influência preponderante sobre as mas-sas, para se ligar com as massas. E isso é precisamente a par-ticularidade dos sindicatos, enquanto instituição criada sob o capitalismo, necessária no período de transição do capita-lismo ao comunismo e cuja existência, mais tarde, é proble-mática. Mas “mais tarde”, é o futuro longínquo e são os nos-sos netos que terão de resolver esta questão. Agora, trata-se de abordarmos a massa, de a conquistarmos; de nos ligarmos a ela, de regularmos o mecanismo complexo do trabalho para a realização da ditadura do proletariado.

Aqui, Trotsky comete um erro. Da sua teoria, ressalta que a defesa dos interesses materiais e espirituais do operário não incumbe aos sindicatos no Estado operário. Isto é um erro. Trotsky fala do “Estado operário”. Se me permitem, isso é uma abstração. Quando, em 1917, falávamos do Estado operário, era compreensível; mas agora, quando alguém nos diz: “Porquê, contra quem é que se defende-a classe operária, pois já não há burguesia, pois, o Estado é operário”, comete aí um erro evidente. O Estado não é absolutamente operário, eis o busílis. Este é um dos erros fundamentais de Trotsky. Agora, passamos dos princípios gerais à ação prática e aos

decretos, e há quem tente fazer-nos andar para trás. É inadmissível...

Vou terminar. Considerando tudo isto, acho que é um grande erro submeter todas estas divergências de perspectivas a uma discussão alargada no Partido e apresentá-las no Congresso do PCR. Politicamente, isso é um erro. Teríamos podido entregar-nos a um exame prático, unicamente em comissão, e teríamos progredido, enquanto que, agora, andamos para trás e, durante algumas semanas, continuaremos a andar para trás, para teses abstratas, em vez de abordarmos praticamente a questão.

Além disso, as teses de Trotsky e de Bukharin³⁶ enfermam de toda uma série de erros teóricos fundamentais. Politicamente, esta forma de encarar a questão denota falta de tato extraordinária. As “teses” da Trotsky são politicamente nocivas. A sua política é uma política que consiste em sacudir fortemente os sindicatos de um modo burocrático. E o Congresso do nosso Partido, estou certo, condenará e rejeitará essa política.

28 de Dezembro de 1920

**V. I. Lenin: “Sobre os sindicatos, o momento presente e os erros do camarada Trotsky”
Obras completas, tomo XXVI, pp. 65-81, ed. r.**

36. Na discussão sindical, Bukharin ocupava uma posição intermediária entre a de Lenin e a de Trotsky. [Nota da Edição Francesa]

II

Trotsky declara que a sua brochura *Papel e tarefas dos sindicatos* é “fruto de um trabalho coletivo”, que “numerosos militantes responsáveis nela colaboraram (particularmente de entre os membros do bureau do Conselho central dos sindicatos, do Comitê central dos metais, do Comitê central dos transportes, etc.)”, que trata-se de uma “brochura-plataforma”. No fim da tese 4, diz-se que “o próximo Congresso do Partido terá de escolher entre duas tendências no movimento sindical”.

Se não se trata aqui da criação por um membro do CC de uma fracção, então que Bukharin ou os seus adeptos expliquem ao Partido o sentido da palavra russa “fracção”! Será possível imaginar uma cegueira mais monstruosa que a das pessoas que querem desempenhar o papel de “grupo-tampão” e fecham obstinadamente os olhos a esta tendência para o “fracionismo”?

Pensemos um pouco: após duas reuniões plenárias do Comitê Central (9 de novembro e 7 de dezembro) consagradas a uma longa e ardente discussão do seu primeiro projeto de teses e de toda a sua política sindical, Trotsky, isolado entre os dezenove membros do Comitê Central, recruta um grupo fora do CC, erige o “trabalho coletivo” deste grupo em “plataforma” e propõe ao Congresso do Partido “escolher entre duas tendências”! Diga-se de passagem, que o fato de Trotsky, em 25 de dezembro de 1920, falar apenas de duas tendências, quando, já em 9 de novembro, Bukharin intervinha como “tampão”, mostra bem o verdadeiro papel do grupo Bukharin, que se faz cúmplice do pior fracionismo. Mas eu pergunto a todos os membros do Partido: uma tal ofensiva, uma semelhante intimação para que se escolha entre duas

tendências no movimento sindical, não é de ficar estupefato? Na verdade, é penoso pensar que, depois de três anos de ditadura do proletariado, se tenha podido encontrar um membro do Partido capaz de desencadear um semelhante ataque na questão do movimento sindical...

Voltem a ler atentamente estes raciocínios e reflitam. As “pérolas” abundam aqui.

Vejam primeiramente o caráter nitidamente “fracionista” deste discurso. Imaginem os clamores que Trotsky teria levantado se Tomsky tivesse publicado uma plataforma e o tivesse acusado, a ele Trotsky, e a outros militantes do exército, de desenvolver o burocratismo, de manter sobrevivências bárbaras, etc.? Como qualificar o papal de Bukharin, Preobrazhenski, Serebriakov e outros, que não veem aqui nenhuma violência, nenhum “fracionismo”?

Em segundo lugar, reflitam nesta forma de tratar a questão. Muitos militantes sindicais “cultivam no seu meio um certo espírito”. Isto é burocratismo puro. Para Trotsky, o que importa, não é o grau de desenvolvimento e condições de vida das massas, é o “espírito” que Tomsky e Losovsky “cultivam no seu meio”.

Em terceiro lugar, Trotsky, desta vez, desvendou involuntariamente o fundo da discussão que, até aqui, com a ajuda de Bukharin e consortes, procurava cuidadosamente iludir, dissimular.

O fundo da discussão, a razão da luta consiste no fato de numerosos militantes sindicais se recusarem a aceitar as novas tarefas e os métodos e cultivarem no seu meio uma certa inimizade em relação aos novos militantes?

Ou consiste no fato de a massa dos operários sindicalizados protestar com razão e ameaçar “correr” com estes novos militantes que não querem pôr fim aos nocivos excessos do burocratismo?

O fundo da discussão está no fato de existirem pessoas que não querem compreender as “novas tarefas e métodos”? Ou está antes no fato de algumas pessoas tentarem, com belas palavras sobre as novas tarefas e métodos, dissimular a sua defesa de certos excessos burocráticos nocivos?

Que o leitor não esqueça o fundo desta discussão.

“A democracia operária não conhece fetiches”, escreve Trotsky nas suas teses, que são o “fruto de um trabalho coletivo”. “Ela apenas conhece a lógica revolucionária” (tese 23).

Trotsky é muito infeliz com as teses: o que elas contêm de exato não é novo e volta-se contra ele, e o que contêm de novo é completamente falso...

Do ponto de vista democrático formal, Trotsky tinha o direito de apresentar uma plataforma de fração, mesmo contra todo o CC isso é indiscutível. É igualmente indiscutível que o CC tem o direito formal de confirmar a sua decisão de 24 de dezembro de 1920 sobre a liberdade de discussão. Bukharin reconhece a Trotsky este direito formal, mas não o reconhece à organização de Petrogrado, provavelmente porque, em 30 de dezembro de 1920, chegou a falar da “palavra de ordem sagrada da democracia operária”.

Sob o pretexto de pôr no primeiro plano o ponto de vista econômico (Trotsky), ou de ultrapassar a estreiteza do ponto de vista político e aliar este último ao ponto de vista econômico (Bukharin), chega-se: A esquecer o marxismo, como o demonstra a definição eclética e falsa que se deu da relação entre a política e a economia; A defender ou a esconder o erro político que se exprime por intermédio da política

do “sacudir profundamente” e de que toda a brochura-plataforma de Trotsky está impregnada. Ora, esse erro, se não reificado, conduz ao afundamento da ditadura do proletariado;

Ao regredir no domínio das questões puramente econômicas, referentes aos meios de aumentar a produção. Das teses sensatas de Rudzutak, que põe problemas práticos, concretos, vitais (desenvolvimento da propaganda em favor da produção, repartição racional dos prémios em espécie, emprego justificado da força sob a forma de tribunais disciplinares compostos de operários da mesma empresa), chegou-se a teses abstratas, “vazias”, teoricamente errôneas, a fórmulas de intelectuais que não têm em nenhuma conta o lado prático da questão...

As divergências de perspectivas que se manifestaram no seio do CC obrigaram-nos a dirigir-nos ao Partido.

A discussão mostrou claramente o fundo e a extensão dessas divergências. Não há razão para rumores mentirosos e para calúnias. O Partido educa-se e tempera-se na luta contra a nova doença do fracionismo (digo “nova” porque desde a Revolução de Outubro tínhamos esquecido a sua existência). Em suma, é uma velha doença, cujas recaídas são ainda muito prováveis durante alguns anos, mas de que agora nós temos de curar com facilidade e rapidez...

No espaço de um mês, Petrogrado, Moscou e toda uma série de cidades da província mostraram já que o Partido respondeu à discussão e rejeitou por uma maioria esmagadora a linha errônea de Trotsky.

24 de Janeiro de 1921

**V. I. Lenin: *“Uma vez mais sobre os sindicatos, o momento presente e os erros de Trotsky e Bukharin”*
Obras completas, tomo XXVI, PP. 114-115, ed. r.**

TROTSKY E O LENINISMO

Trotsky e os sindicatos

Abaixo publicamos duas cartas de Trotsky (a primeira escrita antes da Revolução de Outubro, a outra, alguns anos depois) que caracterizam a atitude de Trotsky acerca de Lenin e do leninismo, e a constância desta atitude.

A carta seguinte, dirigida a Tchkeidzé, presidente da facção menchevique da Duma, mostra bem qual era a posição de Trotsky em 1913. Na segunda carta (de 1921), Trotsky mantém, no fundo, as suas apreciações anteriores sobre o caráter da Revolução Russa.



Carta a Tchkeidzé

Viena, 1 de abril de 1913
A Nicolas Semionovitch Tchkeidzé,
membro da Duma do Império,
Palácio de Tauride, São Petesburgo

Caro Nicolas Semionovitch,

Permita-me antes de mais que lhe exprima o meu reconhecimento pelo prazer – político e estético – que me causaram os seus discursos, em particular o último sobre a má administração. Sim, sentimo-nos felizes quando lemos os discursos dos nossos deputados, as cartas de operários à redação do *Loutch*, ou quando se registam fatos sintomáticos do movimento operário. E a miserável divisão que Lenin, mestre

nesta arte, explorador profissional da rotina do movimento operário russo, mantém sistematicamente, surge como um pesadelo absurdo. Nenhum socialista europeu de bom senso acreditará que as divergências de perspectivas fabricadas por Lenin em Cracóvia sejam de natureza a provocar uma cisão.

Os “sucessos” de Lenin, embora constituam um entrave para nós, não me inspiram nenhuma inquietação. Agora já não estamos em 1903 nem em 1908. Com o “dinheiro de fonte suspeitas adquirido junto de Kautsky e Zetkin, Lenin montou um órgão, apropriou-se do título de um jornal popular, inscreveu a palavra “unidade” sobre a sua bandeira e atraiu assim os leitores operários que naturalmente viram na aparição de um jornal diário operário uma grande vitória. Depois, quando o jornal assumiu influência, Lenin fez dele um instrumento para as suas intrigas de círculo e para as suas tendências cisionistas. Mas a aspiração dos operários à unidade é tão forte que Lenin se viu obrigado a jogar às escondidas com os seus leitores, a falar de unidades por baixo e a cindir por cima, a assimilar a luta de classe a brigas de grupos e de frações. Em uma palavra, *todo o leninismo se baseia neste momento na mentira e na falsificação e traz consigo o germe da sua própria decomposição*. Não há dúvidas que, se a parte oposta se souber conduzir, não tardará a introduzir-se a gangrena entre os leninistas. E isso sucederá precisamente a propósito da questão: unidade ou cisão.

Mas, repito: se a parte oposta se souber conduzir. E se *o leninismo em si não me inspira medo nenhum*, tenho de reconhecer que não estou nada seguro de que os nossos amigos, os liquidacionistas, não ajudem Lenin a voltar a montar-se na sela.

Pode haver duas políticas, no momento presente: destruição ideológica e orgânica das divisões fraccionais que

ainda subsistem e, a seguir, *destruição das próprias bases do leninismo, incompatível com a organização dos operários em Partido político*, mas que pode perfeitamente desenvolver-se sobre o monturo das cisões; ou, pelo contrário, seleção fraciona dos antileninistas (mencheviques ou liquidacionistas) por meio de uma liquidação completa das divergências de tática.

Carta M. Olminski³⁷

Caro Mikhail Stepanovitch,

Desculpe-me pelo meu atraso na resposta, mas durante esta semana estive extremamente ocupado. Perguntou-me se é necessário publicar as minhas cartas a Tchkeidzé. Não penso que isso seja oportuno. Ainda é muito cedo para fazer trabalho de historiador. Essas cartas foram escritas sob o impulso do momento e evidentemente que o tom se resente disso. O leitor atual não o compreenderá, não fará as correções históricas necessárias e ficará simplesmente desorientado. Nós devemos receber do estrangeiro os arquivos do Partido e as edições marxistas estrangeiras. Há lá uma grande quantidade de cartas de todos os que participaram na “que-rela”. Será possível que V. tenha a intenção de as publicar imediatamente? Isso apenas faria criar dificuldades políticas supérfluas, porque seria difícil encontrar dois antigos emigrados, membros do nosso Partido, que, na sua correspondência de outrora, não tenham trocado palavras fortes, motivados pelo arrebatamento da luta.

37. Membro antigo do Partido Bolchevique. [Nota da Edição Francesa]

Acompanhar as minhas cartas de explicações? Mas isso seria recontar as minhas divergências de então com os bolcheviques. No prefácio da minha brochura *Resultados e perspectivas*, falei brevemente delas. Não vejo a necessidade de voltar a este assunto na ocasião da descoberta de cartas nos arquivos da polícia. Aliás esta revisão retrospectiva da luta de frações poderia ainda hoje dar lugar a polêmicas, porque eu confessei francamente que *não considero de modo algum que nos meus desacordos com os bolcheviques estivesse errado em todos os pontos*³⁸. Enganei-me completamente na apreciação da fração menchevique, da qual sobrestimava as capacidades revolucionárias e da qual acreditava ser possível isolar e anular a direita. Este erro fundamental provinha de que eu apreciava as duas frações, bolchevique e menchevique, colocando-me do ponto de vista da revolução permanente e da ditadura do proletariado, enquanto bolcheviques e mencheviques adotaram nesta época o ponto de vista da revolução burguesa e da República democrática. Eu não acreditava que as duas frações estivessem separadas por divergências tão profundas e esperava (como muitas vezes disse em cartas e relatórios) que a própria marcha da revolução as conduziria à plataforma da revolução permanente e da conquista do poder pela classe operária – o que em 1905 se realizou parcialmente. (Prefácio de Lenin ao artigo de Kautsky sobre as forças motrizes da revolução russa e posição do jornal *Natchalo*)

38. As passagens sublinhadas nesta carta, foram-no por nós. [Nota da Edição Francesa]

*Julgo que a minha apreciação das forças motrizes da revolução era incontestavelmente justa*³⁹, mas as consequências que dela tirava relativamente às duas frações eram incontestavelmente errôneas. Só o bolchevismo, graças à rigidez dos seus princípios, pôde congregar todos os elementos verdadeiramente revolucionários entre os antigos intelectuais e a fracção avançada da classe operária. E foi unicamente porque ele conseguiu criar esta organização revolucionária compacta que lhe foi possível passar rapidamente da posição democrática revolucionária à posição socialista revolucionária. Na hora atual, poderia ainda dividir os meus artigos de polémica contra os mencheviques e os bolcheviques em duas categorias: os que se consagraram à análise das forças internas da revolução, às suas perspectivas (*Neue Zeit*, órgão teórico polaco de Rosa Luxemburgo) e aqueles em que apreciava as frações da socialdemocracia russa, a sua luta, etc.... *Ainda agora, me seria possível publicar sem retificação alguma os artigos da primeira categoria, porque eles estão inteiramente em concordância com a posição adotada pelo nosso Partido desde 1917.* Quanto aos artigos da segunda categoria, estão nitidamente errados e não vale a pena reimprimi-los. As duas cartas enviadas cabem nesta segunda categoria e é inútil publicá-las. Que outra pessoa o faça daqui a uma dezena de anos, se nessa altura ainda tiverem algum interesse.

Saudações comunistas

L. Trotsky

6 de dezembro da 1921

39. Trata-se da teoria da “revolução permanente”, da atitude face ao campesinato, etc. Ver a introdução ao capítulo “Sobre o caráter da Revolução Russa”.

A OPOSIÇÃO TROTSKY-ZINOVIEV

A oposição Trotsky-Zinoviev

No Outono de 1923, Trotsky empreendeu uma grande ofensiva contra o Partido na qual foi secundado durante vários anos, de 1925 até à sua exclusão do Partido Comunista, por Zinoviev e Kamenev.

Em outubro de 1923, Trotsky escreveu um documento no qual declarou que o CC conduzia o país à ruína. Logo a seguir, o grupo de trotskistas que tinha organizado com J. N. Smirnov, Serebriakov, Preobrazhenski, Piatakov e outros, elaborou a “plataforma dos 46” dirigida inteiramente contra a linha geral do Partido. Nesta época, quando Lenin estava já gravemente doente, Trotsky conduzia um ataque contra os velhos quadros do Partido Bolchevique aos quais opunha a juventude, afirmando demagógicamente que os jovens eram o “barômetro” do estado de espírito reinante no Partido. Mas esta tentativa de Trotsky terminou também por um fracasso.

Uma vez derrotada a oposição trotskista, Trotsky declarou que para o futuro se submeteria a todas as decisões do Partido.

Ora, pouco tempo depois, o Partido foi de novo forçado a empreender uma luta ainda mais encarniçada contra o bloco Trotsky-Zinoviev. Os trotskistas-zinovievistas utilizaram todos os meios para vencer a linha do Partido e derrubar o C.C. à frente do qual se encontrava Stalin que tinha reunido à volta de si todos os leninistas verdadeiros, inteiramente devotados à causa da edificação da sociedade socialista.

Desta vez, foram Zinoviev e Kamenev que abriram o fogo. No início de 1925, em uma reunião do CC, declararam que, dada a situação técnica e econômica atrasada do país

soviético, o Partido não poderia ultrapassar as dificuldades internas. Mas chocaram com uma resistência imediata. A questão referente à possibilidade de edificar o socialismo em um só país adquiriu uma importância política excepcional. A XIV Conferência do Partido Comunista (abril de 1925), considerando necessário confirmar mais uma vez nesta altura o carácter imutável da teoria de Lenin e armar o Partido para a realização desta teoria, fixou na sua resolução o princípio leninista reconhecendo a possibilidade de edificar o socialismo no país. A questão das perspectivas da edificação socialista assumiu uma acuidade particular.

Pondo-se em guerra contra esta doutrina de Lenin, a oposição trotskista-zinovievista afastou-se do Partido na questão mais fundamental do programa. Prosseguindo esta luta, acabou por cair na contrarrevolução, no bloco com o fascismo.

No decurso da sua luta contra o Partido, a oposição punha-se cada vez mais do lado dos inimigos mais encarniçados da ditadura do proletariado e do povo soviético. Em 1927, quando o perigo da guerra com o mundo capitalista ameaçou a URSS, o bloco trotskista-zinovievista fez circular a sua tese sobre Clemeceau. Esta tese do bloco trotskista-zinovievista dava aos inimigos da revolução o sinal para se prepararem para a luta contra o governo soviético e o Partido, para aproveitarem o ataque dos imperialistas para derrubar o poder dos soviets.

Desta posição infame, os trotskistas-zinovievistas passaram em seguida logicamente à plataforma derrotista que lançaram na época da sua atividade terrorista. Pretendiam uma derrota do poder soviético, derrota que lhes permitiria apoderar-se do poder e realizar o seu programa de restauração do capitalismo.

Para o XV Congresso do PC da URSS (1927) a oposição elaborou uma plataforma especial onde se reuniram desordenadamente os pontos de vista antileninistas e capitulacionistas dos trotskistas-zinovievistas e onde tais pontos de vista se opunham à linha do Partido. Argumentando neste documento sobre a impossibilidade de edificar o socialismo, a oposição escorregava nitidamente para a contrarrevolução. Escorregava igualmente para este abismo no domínio da organização. No final de 1927, a oposição tinha se tornado, por assim dizer, um partido independente oposto ao Partido Comunista Russo de Lenin. O bloco trotskista-zinovievista tinha um centro, comitês e grupos locais, um caixa onde os partidários do bloco entregavam as suas cotizações; tinha igualmente a sua própria disciplina de fração. Nesta época, os trotskistas e os zinovievistas já tinham passado à luta antissoviética e contrarrevolucionária, combatiam diretamente o Partido assim como o regime soviético. Intervinham nas reuniões dos elementos sem partido e exortavam-nos à luta contra a política dos locais para reuniões clandestinas. Por outro lado, como se provou nessa altura, aliaram-se aos oficiais brancos que organizaram um “complô” para derrubar a ditadura do proletariado (o processo Tcherbakov).

Finalmente, em 7 de novembro de 1927, durante o X aniversário da Revolução de Outubro, os trotskistas-zinovievistas organizaram uma manifestação antissoviética nas ruas de Moscou. Dirigiram-se aos elementos não proletários do país exortando-os à luta contra o poder soviético, mas os operários de Moscou desmascararam estes inimigos do socialismo e expulsaram-nos literalmente das fileiras da manifestação proletária. O CC do PC da URSS excluiu Trotsky e Zinoviev do Partido. Em dezembro de 1927, o XV Congresso tomou

a mesma medida contra Kamenev, Bakaev, Evdokimov, Smirnov, Reingold, Vaganian, Rumiantsev, Kotolynov e outros.

Após a sua exclusão do Partido, os trotskistas-zinovistas passaram a novos métodos de luta. Trotsky revelou-se um encarniçado inimigo; tentou desenvolver uma grande atividade ilegal contra o Partido e os Sovietes, tentou criar as suas próprias organizações contrarrevolucionárias. As suas manobras foram descobertas e reprimidas. O governo soviético pô-lo fora do país como anteriormente se tinha feito, por proposta de Lenin, aos dirigentes dos partidos contrarrevolucionários menchevique e socialista revolucionário.

No estrangeiro, sentiu-se como em sua casa. O seu ódio encarniçado à República Soviética deixou de conhecer limites. Pôs a nu tudo o que tinha velado ou escondido quando ainda estava nas fileiras do Partido. Passou a atacar declaradamente o leninismo, o bolchevismo, opondo-lhe a sua própria concepção contrarrevolucionária em todas as questões da revolução. A partir daí, caíram todos os retalhos da capa com que Trotsky se envolvia quando estava na URSS. Face ao mundo inteiro, aos olhos de classe operária e das pessoas honestas, apareceu, desprovido de quaisquer escrúpulos, o inimigo encarniçado do povo soviético, da revolução proletária e do Partido Bolchevique.

Trotsky pôs-se a colaborar nos jornais mais reacionários. Tornou-se o fornecedor dos artigos mais imundos e mais odiosos contra a União Soviética. Não houve baixeza ou calúnia que Trotsky não utilizasse contra o Estado proletário e os seus dirigentes. Todas as suas manobras provavam para o futuro que “o trotskismo tinha se convertido em vanguarda da contrarrevolução”.

Trotsky procurou juntar à sua volta toda a escória dos diferentes grupos que foram rejeitados pela Internacional Comunista. A única razão da junção dos grupos trotskistas, o seu único fundamento “ideológico”, era o ódio ao comunismo, à Internacional Comunista e ao país da ditadura do proletariado.

Toda a atividade de Trotsky e dos seus agentes tinha por objetivo organizar uma luta infame contra a URSS e semear a divisão no movimento operário internacional. Os objetivos e as tarefas de Trotsky confundiam-se estreitamente com as do inimigo mais feroz do proletariado – o fascismo. De resto, a sua organização em um único bando de inimigos mortais do socialismo, da democracia e do povo trabalhador, cedo se tornou um fato consumado,

À medida que a União Soviética se fortalecia e alcançava vitória sobre vitória no seu grande trabalho de edificação socialista, à medida que o trotskismo se revelava impotente para prosseguir a sua luta contra a URSS, Trotsky desenvolvia uma atividade cada vez mais febril e recorria, para combater o Partido Comunista da URSS e os seus dirigentes, a métodos cada vez mais covardes. Terror individual, assassinatos de dirigentes do Estado Soviético e do Partido, armadilhas, tal foi o programa preconizado e aplicado por Trotsky.

E tudo isto tinha apenas um objetivo: a restauração do capitalismo na URSS.

Damos a seguir alguns textos de Stalin que precisam o conteúdo ideológico das divergências do PC da URSS e da oposição trotskista-zinovievista, em diversos estágios do desenvolvimento da luta:



As divergências fundamentais entre o Partido e a Oposição

1º - *A possibilidade de edificar vitoriosamente o socialismo no nosso país.* Não irei enumerar os documentos e as declarações da oposição sobre esta questão. Eles são conhecidos de todos, é inútil repeti-los. É claro para todos que a oposição nega a possibilidade de edificar vitoriosamente o socialismo no nosso país. Por aí mesmo ela resvala direta e abertamente para a posição dos mencheviques. Este ponto de vista da oposição não é novo nos seus chefes atuais. Foi partindo do mesmo princípio que Kamenev e Zinoviev se recusaram participar na sublevação de Outubro. Declararam então que desencadeando a sublevação nos perderíamos, que era preciso esperar pela Assembleia Constituinte, que as condições para o socialismo não tinham ainda amadurecido, e não amadureceriam tão cedo. Trotsky partiu, deste mesmo ponto de vista quando decidiu tomar parte na sublevação. Porque dizia abertamente que, se a revolução proletária vitoriosa no Ocidente não nos trouxesse a sua ajuda em um futuro mais ou menos próximo, seria insensato acreditar que a Rússia revolucionária poderia resistir à Europa conservadora.

Efetivamente, como é que Kamenev e Zinoviev, por um lado, e Trotsky, por outro, e depois Lenin e o Partido participaram na insurreição? É uma questão muito interessante de que vale a pena falar. Vós sabeis que Kamenev e Zinoviev só participaram nesta para defenderem o seu corpo, forçados por Lenin e sob a ameaça de serem excluídos do Partido (risos, aplausos); viram-se, portanto, obrigados a participar na sublevação (risos, aplausos). Trotsky participou nela de sua vontade, mas fazendo reservas que, já neste momento, o

aproximavam de Kamenev e Zinoviev. Notemos que, precisamente antes da Revolução de Outubro, em junho de 1917, Trotsky achou conveniente reeditar, em Leningrado, a sua velha brochura *O Programa da Paz*, como que para mostrar que participava na sublevação sob a sua própria bandeira. O que é que diz nesta brochura? Polemiza aí contra Lenin sobre a possibilidade de uma vitória do socialismo em um só país; considera que a concepção de Lenin nesta questão é errônea e afirma que, embora reconhecendo a necessidade da tomada do poder, percebe que, sem a ajuda vinda a tempo da parte dos operários vitoriosos da Europa ocidental, seria insensato acreditar que a Rússia revolucionária poderia subsistir frente à Europa conservadora. Acusa de estreiteza nacional quem não compreender a sua crítica. Eis um extrato desta brochura de Trotsky: “Sem esperar os outros, começamos a luta e prosseguimo-la no nosso país, convencidos de que a nossa iniciativa sacudirá outros países. Mas se isto não acontecer, seria insensato acreditar – a experiência histórica e as considerações teóricas provam-no – que a Rússia revolucionária, por exemplo, possa resistir à Europa conservadora. Considerar as perspectivas da revolução social nos quadros nacionais significaria tornar-se vítima da mesma estreiteza nacional que é a própria essência do social-patriotismo”. (Trotsky: 1917, ed. r. tomo II, 1.ª parte, p. 90.)

Tais foram, camaradas, as reservas feitas por Trotsky e que nos explicam as raízes e as causas iniciais do seu bloco atual com Kamenev e Zinoviev. Vejamos como Lenin e o Partido participaram na sublevação. Fizeram reservas, também? Não, nenhuma. Eu cito um extrato de um artigo notável de Lenin: *O programa de guerra da Revolução Proletária*, publicado no estrangeiro, em setembro de 1917: “O socialismo

vencedor em um só país não exclui de modo nenhum, a possibilidade da guerra em geral. Pelo contrário, pressupõe-na. O desenvolvimento do capitalismo processa-se de forma muito desigual nos diversos países. Não pode ocorrer outra coisa com uma produção mercantil. Daí a conclusão irrefutável: o socialismo não pode vencer ao mesmo tempo em todos os países. Vencerá primeiro em um ou vários países, mas os outros permanecerão ainda durante certo tempo países burgueses ou pré-burgueses. Isso não deixará de provocar não só fricções, como também esforços diretos da burguesia de outros países para esmagar o proletariado vitorioso do Estado Socialista. Uma guerra em tais condições seria para nós uma guerra legítima e justa. Seria uma guerra pelo socialismo, pela libertação dos outros povos do jugo da burguesia. (Lenin: “O programa de guerra da revolução proletária”, Anais do Instituto Lenin, fase. 2, p. 7.)

Vós constatais, camaradas, que a tese de Lenin é completamente diferente. Trotsky participava da sublevação fazendo reservas que o aproximavam de Kamenev e Zinoviev, afirmando que um governo proletário não representa, por si mesmo, nada de particular, se a ajuda externa se faz esperar. Lenin, pelo contrário, participava na sublevação sem nenhuma reserva, afirmando que o poder proletário no nosso país deve servir de base para ajudar os proletários dos outros países a libertarem-se do jugo da burguesia.

Foi assim que os bolcheviques participaram na insurreição de Outubro e foi essa a razão por que Trotsky encontrou, dez anos após da Revolução de Outubro, linguagem comum com Kamenev e Zinoviev.

Pode-se imaginar, nos termos seguintes, o diálogo trocado entre Trotsky, por um lado, Kamenev e Zinoviev, por outro, quando formaram o bloco de oposição.

Kamenev e Zinoviev dirigindo-se a Trotsky: “Veja caro camarada, nós tínhamos toda a razão quando afirmávamos que não era necessário fazer a insurreição de Outubro, que era necessário esperar pela Assembleia Constituinte, etc. Hoje, toda a gente vê que a degenerescência atingiu o país, o poder, que nós vamos perder e que não realizaremos o socialismo. Não era necessário fazer a insurreição. V. participou nela de livre vontade, cometeu um grande erro”.

Trotsky responde: “Não, caros colegas, VV. são injustos para comigo. Eu participei de boa vontade na insurreição, mas VV. esqueceram-se de dizer como participei nela: fazendo reservas. (Riso geral). E como é evidente que agora não temos nenhuma ajuda a esperar de fora, é claro que nós perderemos como eu tinha previsto, oportunamente, na minha brochura *O Programa da paz*”.

Zinoviev e Kamenev: “Isso poderia ser mesmo verdade. Nós tínhamos esquecido essa reserva. Agora, é claro que o nosso bloco tem mesmo uma base ideológica”. (Hilaridade geral. Aplausos.)

Eis como foi encontrada a concepção da oposição que nega a possibilidade de edificar vitoriosamente o socialismo no nosso país.

O que é que ela significa? Uma capitulação. Perante quem? É evidente que é uma capitulação perante elementos capitalistas do nosso país e perante a burguesia mundial. Onde é que se encontram as frases de esquerda, as gestas revolucionárias. Nada disso ficou. Se sacudirdes a nossa oposição, se rejeitardes a sua fraseologia revolucionária, vereis que nada resta dela, a não ser a capitulação. (Aplausos.)

2.º - *A ditadura do proletariado*. Existe ou não existe entre nós a ditadura do proletariado? Questão singular. (Risos.) Contudo, ela é colocada pela oposição, em todas as suas

declarações. A oposição pretende que suportamos uma degenerescência termidoriana. O que é que isso significa? Isso supõe que não temos ditadura do proletariado, que a nossa política e a nossa economia se afundam e estão em regressão, que caminhamos não para o socialismo, mas para o capitalismo.

Tudo isto tem alguma coisa de estranho e de absurdo, mas a oposição insiste. Eis uma nova divergência, camaradas. É nisto que assenta a famosa tese clemencista de Trotsky. Se o poder degenerou, se degenera, vale a pena respeitá-lo, defendê-lo? É evidente que não. Se se encontrar um momento favorável para “suprimir” este poder, se, por exemplo, o inimigo chagar a 80 quilômetros de Moscou, será evidentemente necessário aproveitar-se disso, para acabar com este poder e substituí-lo por outro, por um poder clemencista, isto é, trotskista. É claro que não há nisto nada de leninista; é menchevismo puro. A oposição chegou ao menchevismo.

3.º - *O bloco entre os operários e os camponeses médios.* A oposição escondeu sempre a sua atitude negativa sobre a ideia de um tal bloco. A sua plataforma, as suas contra teses são notáveis, menos por aquilo que lá se diz do que por aquilo que se esforçam por esconder à classe operária. Mas apareceu um homem, I. N. Smirnov, também dirigente da oposição, que teve a coragem de dizer a verdade sobre a oposição e de mostrá-la tal como ela é. Eis o que disse: “Vamos perder-nos; se nós queremos nos salvar, é necessário romper com os camponeses médios”. Isto não é muito inteligente; é, pelo contrário, absolutamente claro. Toda a gente se deu conta um pouco das verdadeiras intenções mencheviques que aqui transparecem.

4.º - *O caráter da nossa revolução.* Se se negar a possibilidade de edificar o socialismo no nosso país, se se negar

a existência da ditadura do proletariado e a necessidade do bloco da classe operária com os camponeses, é evidente que nada resta da revolução, nem do seu caráter socialista. O proletariado chegou ao poder, concluiu a revolução burguesa, os camponeses já nada têm a fazer com a revolução uma vez que receberam a terra: por consequência, o proletariado pode retirar-se e ceder o lugar a outras classes, é esta a tese da oposição, se penetrarmos a fundo nas suas concepções. Aí estão todas as raízes do espírito de capitulação da oposição. Não é por acaso que Abramovitch⁴⁰ a glorifica.

3 de Dezembro de 1927

J. Stalin: *"Relatório político do CC ao XV Congresso do PC da URSS"*
Questions du leninisme, tomo II, pp. 125-130, E. S. I., 1931.



As razões da exclusão de Trotsky do Partido

Porque é que o Partido excluiu Trotsky e Zinoviev? Porque eles são os organizadores de todo o trabalho da oposição.

EXCLAMAÇÕES: É justo!

(...) porque têm por objetivo destruir as leis do Partido; porque, no seu orgulho, acreditaram que ninguém ousaria atingi-los; porque quiseram criar para si uma posição privilegiada no Partido. Iremos tolerar a existência no Partido, por um lado, de grandes senhores gozando de privilégios e, por

40. Principal redator do Jornal menchevique berlinense *Sotsialisticheski Vestnik* (O Mensageiro Socialista). [Nota da Edição Francesa]

outro, de camponeses que os não têm? Será que nós, bolcheviques, que extirpamos a nobreza, assim como as suas causas, vamos agora restabelecê-la no nosso Partido? (Aplausos)

Perguntais: porque é que excluímos Trotsky e Zinoviev do Partido? Porque nós não queremos ter no Partido uma casta aristocrática. Porque, no Partido, as leis são iguais para todos e porque todos os membros do Partido têm os mesmos direitos.

EXCLAMAÇÕES: É justo! – (Aplausos prolongados)

Se a oposição quer continuar no Partido, que se submeta à vontade do Partido, às suas leis, às suas instruções, sem reservas e sem equívocos. Se não quer, que vá para onde possa estar mais à vontade.

EXCLAMAÇÕES: É justo! – (Aplausos)

Nós não queremos leis especiais vantajosas para a oposição; não as queremos e não as criaremos. (Aplausos)

Pergunta-se quais são as condições. Há apenas uma: a oposição deve desarmar inteira e completamente, tanto no domínio da ideologia como no da organização.

EXCLAMAÇÕES: É justo! – (Aplausos prolongados)

Deve renunciar às suas concepções antibolcheviques, aberta e honestamente, perante o mundo inteiro.

EXCLAMAÇÕES: É justo! – (Aplausos prolongados)

Deve condenar aberta e honestamente, perante o mundo inteiro, os erros que cometeu, os seus erros que se tornaram um crime contra o Partido. Deve entregar-nos todas as suas células para que o Partido possa dissolvê-las todas, sem exceção.

EXCLAMAÇÕES: É justo! – (Aplausos prolongados)

Que atuem deste modo ou que saiam do Partido. E se não saírem, nós os poderemos fora.

EXCLAMAÇÕES: É justo! – (Aplausos prolongados)

Camaradas, eis como se põe a questão da oposição.

3 de Dezembro de 1927

J. Stalin: *“Relatório político do CC ao XV Congresso do PC da URSS”*

Questions du leninisme. tomo II, pp. 135-136, E. S. I. 1931.



A atividade Contrarrevolucionária da Oposição

A oposição organizou uma fracção e transformou-a num partido no seio do nosso Partido Bolchevique. As tradições bolcheviques autorizam semelhante ignomínia? Como é que se pode falar das tradições bolcheviques e ao mesmo tempo admitir a cisão no Partido, a formação no seu seio de um outro partido antibolchevique?

Em seguida, a oposição organizou uma imprensa ilegal, aliando-se a intelectuais burgueses que, por sua vez, estavam ligados a reconhecidos guardas-brancos. Como é que se ousa falar das tradições do bolchevismo quando se tolera uma ignomínia que vai até à traição direta do Partido e ao Poder Soviético? Por fim, a oposição organizou uma manifestação dirigida contra o Partido e fazendo um apelo a elementos não proletários. Como é que se pode falar de tradições bolcheviques quando se faz apelos para a rua contra o seu Partido, contra o Poder Soviético? Alguma vez se ouviu dizer que as tradições bolcheviques autorizem tais ignomínias que atingem diretamente a contrarrevolução? Não é claro que o camarada Kamenev faz valer estas tradições apenas para esconder sua ruptura com elas em nome dos interesses do seu

grupo antibolchevique? Este apelo para a rua nada trouxe para a oposição, pois apenas atraiu um grupo insignificante. Isto não é um erro da oposição, é a sua desgraça. O que teria acontecido se a oposição fosse mais forte? O apelo para a rua ter-se-ia transformado em um motim direto contra o Poder Soviético. Será difícil compreender que na realidade tal tentativa da oposição em nada se distingue da famosa tentativa dos socialistas-revolucionários de esquerda em 1918?

6 de Dezembro de 1927

J. Stalin: *“Discurso de encerramento sobre o relatório político do CC ao XV Congresso do PC da URSS”*
Questions du leninisme, tomo II, pp. 146-147, E. S. I., 1931.



A essência do Trotskismo

Em que é que consiste a essência do trotskismo?

A essência do trotskismo consiste, antes de mais, na negação da possibilidade de edificar o socialismo na URSS pelas forças da classe operária e do campesinato do nosso país. O que é que isso significa? Significa que se, em um futuro próximo, o apoio da revolução mundial vitoriosa não chegar, teremos de capitular diante da burguesia e abrir caminho à República democrática burguesa. Portanto, temos aí uma negação burguesa da possibilidade de edificar o socialismo no nosso país, negação mascarada por uma fraseologia revolucionária sobre a vitória da revolução mundial. É possível, com semelhantes concepções, provocar nas mais largas massas da

classe operária o entusiasmo pelo trabalho, a emulação socialista, um vasto trabalho de choque, uma ofensiva largamente desenvolvida contra os elementos capitalistas? É claro que não. Seria absurdo acreditar que a nossa classe operária, que fez três revoluções, desenvolveria o entusiasmo pelo trabalho e um vasto trabalho de choque, com o único fim de preparar o terreno para o capitalismo. A nossa classe operária desenvolveu o seu ímpeto no trabalho, não para o capitalismo, mas para enterrar definitivamente o capitalismo e edificar o socialismo na União Soviética. Tirem-lhe a certeza da possibilidade de edificar o socialismo, e terão destruído todo o terreno para a emulação, para o ímpeto no trabalho, para o trabalho de choque.

Daí a conclusão: para provocar na classe operária o ímpeto do trabalho e a emulação, e organizar uma ofensiva largamente desenvolvida, seria preciso, antes de mais, enterrar a teoria burguesa do trotskismo sobre a impossibilidade de edificar o socialismo no nosso país.

A essência do trotskismo consiste, em segundo lugar, na negação da possibilidade de fazer participar as massas essenciais do campesinato na edificação socialista no campo. O que é que isto significa? Que a classe operária não é capaz de arrastar atrás de si o campesinato a fim de orientar as explorações camponesas individuais na via da coletivização, que se, em um futuro próximo, a vitória da revolução mundial não chegar em socorro da classe operária, o campesinato restabelecerá a antiga ordem de coisas burguesa. Portanto, estamos aí na presença de uma negação burguesa das forças e possibilidades da ditadura do proletariado para conduzir o campesinato para o socialismo, negação mascarada sob frases “revolucionárias” acerca da vitória da revolução mundial,

é possível, com tais concepções, arrastar as massas camponesas no movimento kolkhoziano da massa, organizar a liquidação dos kulaks enquanto classe? É claro que não.

Daí a conclusão: para organizar um movimento kolkhoziano de massa de campesinato e liquidar a classe dos kulaks, seria preciso, antes de mais, enterrar a teoria burguesa do trotskismo sobre a impossibilidade de associar as massas trabalhadoras do campesinato ao socialismo.

A essência do trotskismo consiste finalmente em negar a necessidade de uma disciplina férrea do Partido, em reconhecer a liberdade dos grupos de fração no Partido, em reconhecer a necessidade de formar um partido trotskista. Para o trotskismo, o PC da URSS não deve ser um partido de combate, único e coerente, mas uma reunião de grupos e frações com os seus centros, com a sua imprensa, etc. Ora, o que é que isto significa? Significa proclamar a liberdade das frações políticas no Partido. Significa que depois da liberdade dos grupos políticos no Partido, deve vir a liberdade dos partidos políticos no país, isto é, a democracia burguesa. Temos aqui, portanto, o reconhecimento da liberdade dos grupos fracionais no Partido, incluindo até a admissão de partidos políticos no país da ditadura do proletariado, reconhecimento mascarado por uma frase sobre a “democracia interna do Partido”, sobre a “melhoria do regime” no Partido. Que a liberdade das chicanices fracionais, dos grupos intelectuais não é ainda a democracia interna do Partido; que a ampla autocrítica realizada pelo Partido e a atividade prodigiosa das massas de aderentes do Partido são uma manifestação da verdadeira e autêntica democracia do Partido, isso o trotskismo não é capaz de compreender. É possível, com semelhantes concepções so-

bre o Partido, assegurar a unidade de ferro no Partido, necessária ao sucesso da luta contra os inimigos da classe? É claro que não.

Daí a conclusão: para assegurar a unidade de ferro do Partido e a disciplina proletária no seu seio, seria preciso, antes de mais, enterrar a teoria do trotskismo em matéria de organização.

Capitulação de fato, como conteúdo, frases de “esquerda” e gestas de aventureirismo “revolucionário”, como forma que cobre e exalta o espírito de capitulação, seu conteúdo, eis a essência do trotskismo.

Esta dualidade do trotskismo reflete a situação dupla da pequena burguesia das cidades em vias de se arruinar, que não pode suportar o “regime” da ditadura do proletariado e se esforça por passar “de um golpe” ao socialismo, para escapar à ruína (de onde *o espírito de aventura e a histeria em política*), ou então, quando isto é impossível, se esforça por consentir em quaisquer concessões ao capitalismo, sejam elas quais forem (de onde *o espírito de capitulação em política*).

É esta dualidade do trotskismo que explica o fato de que os seus ataques “desesperados”, ditos contra os desviacionistas de direita, sejam habitualmente coroados pelo trotskismo por um bloco com eles, assim como com os capitulacionistas sem máscara.

27 de Junho de 1930

J. Stalin: Relatório do CC ao XVI Congresso do PC da URSS



O que é o Trotskismo

Certos bolcheviques pensam que o trotskismo é uma fração do comunismo, que, é certo, se engana, faz muitas asneiras e por vezes é mesmo antissoviética, mas que é, mesmo assim, uma fração do comunismo. Daí um certo liberalismo face aos trotskistas e às pessoas de espírito trotskista. É somente necessário demonstrar que tal ponto de vista sobre o trotskismo é profundamente errôneo e nefasto. Na realidade, o trotskismo é um destacamento de vanguarda da burguesia contrarrevolucionária, que conduz à luta contra o comunismo, contra o Poder dos Sovietes, contra a edificação do socialismo na URSS.

Quem é que deu à burguesia contrarrevolucionária uma arma espiritual contra o bolchevismo, sob a forma de tese sobre a impossibilidade de construir o socialismo no nosso país, sobre a degenerescência inelutável dos bolcheviques, etc.? Esta arma, deu-lhe o trotskismo. Não se pode considerar como acaso o fato que todos os grupos antissoviéticos na URSS nas suas tentativas de justificar a inevitabilidade da luta contra o Poder dos Sovietes, tenham invocado a conhecida tese trotskista sobre a impossibilidade de construir o socialismo no nosso país, sobre a degenerescência inelutável do poder dos Sovietes, sobre o retorno provável ao capitalismo.

Quem é que deu à burguesia contrarrevolucionária da União Soviética uma arma tática sob a forma de ações declaradas contra o Poder dos Sovietes? Esta arma, deram-lhe os trotskistas, que tentaram organizar manifestações antissoviéticas em Moscou e em Leningrado em 7 de novembro de 1927. É um fato que as manifestações antissoviéticas dos trotskistas tornaram a dar coragem à burguesia e puseram em movimento a sabotagem dos especialistas burgueses.

Quem ó que deu à burguesia contrarrevolucionária uma arma de organização sob a forma de tentativa de constituir organizações antissoviéticas clandestinas? Esta arma, deram-lhe os trotskistas, que organizaram o seu próprio grupo ilegal antibolchevique. É um fato que a ação antissoviética clandestina dos trotskistas facilitou a cristalização orgânica dos agrupamentos antissoviéticos na URSS.

O trotskismo é um destacamento de vanguarda da burguesia contrarrevolucionária.

Eis porque é que o liberalismo em relação ao trotskismo, mesmo que aniquilado e camuflado, é inconseqüência que confina com o crime, com a traição para com a classe operária.

1931

J. Stalin: *"Sobre algumas questões da história do bolchevismo"*
A Revolução Proletária, n.º 6 (113), 1931. ed. r.



O que os Trotskistas preparavam aos operários⁴¹

I

O assombro cético que certos jornais estrangeiros simulam perante os crimes inauditos revelados pelo processo do Centro trotskista antissoviético, testemunha apenas, quase sempre, falta de escrúpulo dos proprietários ou dos colaboradores destes jornais. Como é que pessoas que se dizem socialistas poderiam ter cometido semelhantes crimes contra a classe operária? – perguntam ingenuamente estes senhores. Eles “esquecem” as numerosas lições da história.

A burguesia encontrou por mais de uma vez fiéis laçaios entre os despojos do movimento operário. Foi do campo dos oportunistas que saíram os aduladores servis mais devotados do capitalismo que, muitas vezes, se adornavam com uma roupagem “esquerdista”. Basta recordar alguns nomes. Lloyd George na Inglaterra, Na França, Millerand, que, mesmo antes de ter tido tempo de usar os seus sapatos “socialistas”, fuzilava já, na qualidade de ministro burguês, a multidão dos grevistas desarmados e famintos. Clemenceau deu meia-volta, passando das frases radicais “de esquerda” ao papel de “tigre” do imperialismo francês. Na Alemanha, Ebert foi o primeiro presidente da República burguesa; com o “cão sangrento” Noske”, estabeleceu um regime de terror contrarre-

41. Este artigo do *Pravda* estabeleceu o balanço do trotskismo, tal como resalta dos dois recentes processos de Moscou (Centro unificado e Centro paralelo). Ele mostra a que conduziu a luta de Trotsky contra o leninismo no domínio da edificação do socialismo na URSS.

volucionário contra a classe operária e foi à sombra deste regime que cresceu o cogumelo venenoso do fascismo. Na Itália, Mussolini começou a sua carreira situando-se na ala oportunista do Partido socialista.

A evolução do trotskismo distingue-se dos exemplos que acabamos de citar pelo fato de se ter operado em um país onde, pela primeira vez na história, a classe operária detém firmemente o leme do Estado. O sonho de inúmeras gerações de oprimidos e explorados realizou-se aqui. O socialismo foi conquistado através de lutas encarniçadas, ao preço de inúmeros sacrifícios. Das classes antes dominantes, apenas ficaram despojos, aos quais se juntaram apóstatas que temem a luz do dia. O trotskismo, tornado o centro organizador destes elementos, na sua raiva impotente escreveu sobre a sua bandeira: Retorno ao capitalismo. A sua principal esperança está ligada à intervenção estrangeira. Judas-Trotsky, o pior inimigo da classe operária, trazendo na frente a marca de Caim, ativa o seu bando infame: espiai, traí, sabotai ainda mais! Matai mais operários e soldados vermelhos! Agi mais energicamente pelo terror!

Todo o passado do trotskismo o predestinava ao seu papel infame de pior inimigo da classe operária. A sua carreira é uma sucessão continua de traições, dissimuladas durante um certo tempo pelo palavreado “de esquerda”.

Foi certamente a pensar nas possíveis recidivas do trotskismo e para pôr o Partido em guarda contra elas que Lenin escreveu, em uma curva da revolução proletária, no momento do abandono do comunismo de guerra pela NEP: “Dez a vinte anos de relações justas com o campesinato, e a vitória está assegurada à escala mundial (mesmo havendo um atraso das revoluções proletárias, que crescem), senão 20 a

40 anos de torturas do terror branco. “*Aut-aut. Tertium non datur*”.⁴²

O leninismo assegurou a primeira alternativa. O trotskismo teria inevitavelmente conduzido à segunda. Para isso tendia toda a demagogia do trotskismo, todas propostas aventureiras que significavam orientação no sentido da divisão entre classe operária e camponeses, a perda do poder da classe operária, o retorno do país ao jugo da ditadura burguesa.

II

Os trotskistas tentaram, depois dos mencheviques, fazer gala do “obreirismo”. Mas sob suas frases “de esquerda” escondia-se um conteúdo capitulacionista. A classe operária que, ao preço de imensos sacrifícios, tinha conquistado o poder e o tinha defendido contra uma quinzena de Estados intervencionistas, os trotskistas propunham o retorno à antiga dominação da burguesia. Tal era o sentido oculto de toda a luta do trotskismo contra a teoria leninista da edificação do socialismo em um só país. Pela sua tese da impossibilidade de edificar o socialismo na União Soviética, os trotskistas puseram nas mãos da burguesia contrarrevolucionária uma arma envenenada contra a classe operária.

O Partido, sob a direção de Stalin, demoliu o trotskismo.

Em alguns anos, foram realizados na URSS as maiores transformações. A possibilidade de edificar o socialismo em um só país, teoricamente provada por Lenin e Stalin, é hoje

42. Ou um, ou outro. Não há terceira hipótese.

demonstrada na prática pela experiência de uma obra construtiva gigantesca.

Se outrora o trotskismo fixava para si a tarefa de impedir a edificação do socialismo, hoje aspira destruir tudo aquilo que já se criou.

O trotskismo passou aos métodos de luta mais vis, mais ignóbeis, mais desprezíveis. O seu programa é a restauração do capitalismo. É longe da luz do dia que se juntam as hienas trotskistas, os miseráveis que já nada têm de humano, os cínicos canalhas prontos para todos os crimes. Eles inauguram a série de crimes perante os quais se apagam as mais revoltantes torpezas da história humana. Nada trava já na sua queda os emissários do velho mundo que lutam sem esperanças contra a sociedade nova que se edifica para a felicidade do povo. Vendem a pátria a grosso e a retalho aos piores inimigos desta, fazem espionagem e sabotagens combinados com os agentes da espionagem fascistas; entregam-se ao terror individual contrarrevolucionário; preparam traições inauditas para o caso de uma guerra.

Tais são os métodos da “atividade” da matilha trotskista.

O que traz o trotskismo à classe operária? O quadro desenrolado no processo do Centro trotskista antissoviético permite responder de forma completa a esta questão.

Radek, no seu depoimento no processo, expôs nestes termos o programa econômico que Trotsky lhe tinha comunicado na sua carta de Dezembro de 1935: “A concessão não só das empresas industriais mais importantes para os Estados imperialistas, assim como a alienação aos elementos capitalistas dos empreendimentos econômicos importantes que eles designarem. Trotsky previa empréstimos por obrigações, isto é, a admissão do capital estrangeiro na exploração das

fábricas que, formalmente, ficariam nas mãos do Estado soviético.

É, portanto, o programa do restabelecimento da escravatura capitalista para a classe operária que derrubou o poder da burguesia e que, por um trabalho pleno de abnegação, construiu o socialismo. Os pulhas trotskistas compreendiam perfeitamente que só o regime do terror fascista mais feroz poderia obrigar as massas operárias a submeter-se à servidão capitalista.

Nesta mesma carta, Trotsky escrevia cnicamente a Radek: “Não pode haver lugar para nenhuma democracia. A classe operária viveu 18 anos de revolução, e o seu apetite é formidável; ora, será necessário fazer voltar este operário em parte às fábricas privadas, em parte às fábricas de Estado, que terão de sustentar a mais rude concorrência do capital estrangeiro. Isto quer dizer que haverá forte agravamento da situação da classe operária. Nos campos, recomeçará a luta do camponês pobre e do camponês médio contra o kulak. Para manter a situação, será necessário um poder forte, quaisquer que sejam as formas que ele revista”.

No processo, o infame Radek confessou abertamente que, ao ler esta carta, compreendeu perfeitamente que Trotsky traçava nela a perspectiva da instauração do regime fascista.

III

Concretamente, que significava para as massas operárias o programa trotskista?

Outrora, o proletariado era a classe explorada e oprimida pela burguesia. No país dos Sovietes, esta classe pertence apenas a um passado volvido. Uma nova classe operária nasceu.

O proletariado da União Soviética tornou-se uma classe absolutamente nova, a classe operária da URSS, que destruiu o sistema capitalista da economia, consolidou a propriedade socialista dos instrumentos e meios de produção, e que conduz a sociedade soviética na via do comunismo. (Stalin: Relatório sobre o projeto de Constituição da URSS)

Esta classe operária, os trotskistas querem reconduzi-la ao estado de proletariado explorado e oprimido. A classe operária exerce na URSS a sua ditadura, o poder de Estado está nas suas mãos, ela conduz a luta de todo o povo trabalhador para o comunismo. A classe operária tem autoridade nas massas populares que a estimam e a honram. Os trotskistas querem reduzi-la ao estado de um pária sem direitos, achinchado pelos ociosos e pelos parasitas. A exemplo da Alemanha fascista, lançar centenas de milhares de operários nas masmorras da polícia fascista, nos campos da concentração, exterminar a vanguarda mais consciente e mais ativa da classe operária: eis o que quer o trotskismo.

As massas operárias da URSS, libertadas das cadeias da exploração, conhecem a alegria do trabalho criador e livre. O trabalho tornou-se uma questão de honra, de glória, de coragem e de heroísmo. Onde é que o movimento stakhanovista poderia, pois, nascer e desenvolver-se? O trotskismo sonha reconduzir os operários às galés sob o jugo do trabalho forçado, reduzi-los a um trabalho extenuante em proveito de um punhado de exploradores, de vampiros.

A lei inabalável da URSS é: quem não trabalha, não come. A exploração do homem pelo homem foi para sempre

abolida. As riquezas imensas criadas pelo trabalho do povo constituem o seu bem imprescritível. A classe operária está na grande via que conduz a um desenvolvimento material e cultural sempre crescentes. Os trotskistas querem restabelecer o velho princípio da exploração: quem trabalha, não come. Trotsky escrevia a Radek que um “forte agravamento da situação da classe operária é inevitável”. Evidentemente! Se se restabelecerem os volumosos lucros dos capitalistas, se se abandonar a um punhado de parasitas os bens do povo e o fruto do seu trabalho, para o povo apenas ficará o trabalho extenuante e uma existência famélica.

É na URSS que existe a mais curta jornada de trabalho, que a proteção ao trabalho é mais perfeita. Os fascistas trotskistas querem restabelecer a antiga prisão de forçados em que se trabalhava do nascer ao pôr-do-sol, em que toda a reivindicação tinha por consequência atirar o operário para a porta da fábrica.

Os cidadãos da URSS têm o direito ao trabalho, isto é, o direito de receber um emprego garantido, sendo o seu trabalho remunerado segundo a sua quantidade e a sua qualidade.

Estas palavras da Constituição staliniana, da lei fundamental do Estado soviético significam a realização do sonho de inumeráveis gerações de proletários que viviam e morriam na deprimente inquietação pelo futuro. A juventude soviética nunca conheceu e nunca conhecerá esta inquietação pelo futuro, este medo de perder o seu trabalho e o seu bocado de pão. Ora, os trotskistas aspiram a trazer de novo um regime sob o qual o desemprego é o hóspede frequente dos lares operários. A economia soviética ignora as crises, mas o capitalismo é inconcebível sem elas. Viver no medo constante de

perder o seu bocado de pão, o seu abrigo, de não poder alimentar os seus filhos, correr o risco de morrer de fome, tais são os “benefícios” com que o trotskismo quer encher a classe operária soviética.

O direito ao descanso é um direito imprescritível de todos os cidadãos da URSS. Os trotskistas queriam trazer de novo o regime que só deixa o operário descansar na cova, depois de morto, se excetuarmos o “descanso” forçado durante os meses e anos de desemprego que aniquila todas as forças do operário e que significa para ele a fome e a morte.

O direito à Instrução é uma das maiores conquistas da classe operária. A via para os cumes da ciência, a via para a imensa herança cultural da humanidade está na URSS largamente aberta a todas as pessoas. E a classe operária marcha firmemente e com segurança nesta via. Quantos notáveis talentos já não produziu nos ramos mais variados das ciências e das artes! O regime que os trotskistas sonhavam trazer da novo teria fechado hermeticamente diante da “plebe” as portas da ciência e teria escrito sobre elas: Entrada proibida aos pobres! O capitalismo significa o monopólio da ciência pela minoria dos que possuem; quanto à maioria, está condenada a contentar-se, à guisa de alimento intelectual, com migalhas que lhes são atiradas da mesa dos patrões.

A operária recebe na URSS um salário igual ao do homem, por igual trabalho. Todas as formas da vergonhosa desigualdade entre os sexos estão abolidas na URSS. Os trotskistas pensam impor de novo à parte feminina da classe operária um duplo jugo e uma dupla exploração, pôr de novo em vigor as leis ignóbeis e ferozes que em todos os países do Capital inferiorizam a mulher.

Bilhões de rublos são despendidos anualmente na URSS para as necessidades sociais e culturais da classe operária, para os seguros sociais, para a ajuda aos doentes e aos velhos. A restauração do capitalismo significaria que todos os admiráveis edifícios e sanatórios, os estabelecimentos médicos, as casas de repouso, voltariam de novo a existir apenas para um ínfimo punhado de parasitas saciados.

IV

Os trotskistas contavam não só restabelecer o capitalismo na URSS, como também trazer para aí de novo todos os horrores da exploração colonial. A pátria soviética afirmou a sua independência política e econômica. Tornou-se o grande e poderoso país do socialismo. O poder da classe operária fez deste o país mais avançado do mundo, o farol de toda a humanidade de vanguarda; os trotskistas esforçaram-se por fazer da pátria socialista a colônia dos mais agressivos Estados fascistas. Preparavam para os operários da pátria socialista a mesma sorte dos “coolies” chineses.

“É preciso abandonar todo o pensamento de trabalho de massas”, sugeria Trotsky a Piatakov durante a sua viagem a Oslo.

Com cinismo e imprudência, Trotsky dizia aos seus sequazes: “Seria absurdo pensar que se pode chegar ao Poder sem assegurar a benevolência dos principais governos capitalistas, particularmente dos mais agressivos, tais como os atuais governos da Alemanha e do Japão. É absolutamente necessário manter desde agora um contato e um entendimento com estes governos”.

Trotsky reconhecia que os trotskistas nunca chegariam ao poder sem uma guerra da Alemanha e do Japão contra

a URSS e sem a derrota desta nessa guerra. Daí a diretiva: apressar, provocar a guerra, fazer um trabalho de sapa, ajudar os países fascistas a demolir o baluarte do socialismo, cometer monstruosas traições. O trotskismo, pelos seus atos de sabotagem, fez morrer dezenas de operários e soldados do Exército Vermelho. Os trotskistas preparavam-se para sacrificar, desde que explodisse a guerra, centenas de milhares e milhões de trabalhadores no altar da restauração capitalista. Os Estados fascistas têm suas ideias sobre o caráter e os objetivos da guerra: têm seus planos de guerra.

Eis, por exemplo, o que escrevia recentemente *Die Deutsche Wehr*, órgão oficioso do Estado-Maior alemão: “A única recompensa digna do risco e dos sacrifícios que hoje se ligam à guerra não pode ser senão a evicção completa do vencido da arena, o seu aniquilamento em qualidade de força económica considerável e independente. O inimigo não deve mais produzir, não deve mais ter a possibilidade de participar na concorrência. Não se pode deixar-lhe, à vista de uma nova guerra, talvez mais feliz, uma indústria capaz de funcionar. O inimigo deve ser arruinado e despojado. É unicamente nisto que, nas condições modernas, a vitória consiste”.

Assim, a indústria devia ser aniquilada. Foi no espírito deste programa que o acordo concluído com Hess, o lugar-tenente de Hitler, foi redigido. Abandonar o país à mercê do fascismo alemão, eis a intenção que aparece em cada ponto deste acordo.

Trotsky escrevia que, sem o apoio da Alemanha e do Japão, era impossível tanto subir ao poder, como manter-se nele. Foi por isto que se estabeleceu todo um programa para vender a pátria socialista. O Japão receberia a província marítima, a região do Amor, o petróleo de Sakhalina; A Alemanha obteria a Ucrânia, liberdade de ação no vale do Danúbio e nos

Balcãs; o país teria sido economicamente escravizado sob a forma de concessões das empresas e por tratados de comércio concluídos em condições leoninas. Mas os inimigos da humanidade enganaram-se cruelmente nos seus cálculos.

Deu-se um golpe sério nos projetos dos fautores da guerra. Os inimigos da classe operária foram castigados como o mereciam e o povo soviético, depois de os ter aniquilado caminhará em frente com maior segurança ainda, rumo aos cumes radiosos do comunismo.

14 de Fevereiro de 1937

Artigo da Pravda



O Trotskismo atual

Ao conduzir a luta contra os agentes trotskistas, os camaradas do nosso Partido não notaram, não perceberam que o trotskismo de hoje já não é o que era há sete ou oito anos; que o trotskismo e os trotskistas sofreram durante todo este tempo uma séria evolução que mudou radicalmente a sua face; que, por esta razão, a luta contra o trotskismo, os métodos de luta contra ele devem também mudar radicalmente. Os camaradas do nosso Partido não notaram que o trotskismo deixou de ser a corrente política na classe operária que era há sete ou oito anos, que se tornou um bando cínico e sem princípios de sabotadores, de agentes de diversionismo, de espões e de assassinos que agem segundo as instruções dos órgãos de espionagem dos Estados estrangeiros.

O que é uma corrente política na classe operária? Uma corrente política na classe operária é um grupo ou um partido que tem a sua fisionomia determinada, a sua plataforma, o seu programa, que não esconde e nem pode esconder as suas ideias da classe operária, mas que, pelo contrário, se dirige de cabeça levantada à classe operária para a convencer da justiça das suas ideias. No passado, há sete ou oito anos, o trotskismo era uma corrente política na classe operária; uma corrente antileninista e, por conseguinte, essencialmente errônea, é verdade, mas mesmo assim uma corrente política.

Poderá dizer-se que o trotskismo de hoje, o trotskismo da 1936, é uma corrente política na classe operária? Não, não se pode dizer. Porquê? Porque os trotskistas atuais têm medo de mostrar à classe operária a sua verdadeira face, têm medo de lhes mostrar claramente seus verdadeiros fins e objetivos, escondem cuidadosamente da classe operária a sua fisionomia política, receando que, se a classe operária aprender as suas verdadeiras intenções, os amaldiçoe, como pessoas que lhe são estranhas, e os corra para longe de si.

É por isso que se explica o fato de que o principal método da atividade trotskista é agora, não a propaganda aberta das suas ideias na classe operária, mas a camuflagem das suas ideias, a exaltação servil e obsequiosa das ideias dos seus adversários, o denegrir farisaico e mentiroso das suas ideias.

3 de Março de 1937

J. Stalin: "Discurso à Assembleia Plenária do CC do PC da URSS"

